



INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

**A ADOLESCÊNCIA E AS IDENTIFICAÇÕES NO ESPELHO DA
CONTEMPORANEIDADE: O EU, O OUTRO E OS DISCURSOS CULTURAIS**

ANA LUIZA PEREIRA CHIANELLI

Brasília – DF

2025



INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

**A ADOLESCÊNCIA E AS IDENTIFICAÇÕES NO ESPELHO DA
CONTEMPORANEIDADE: O EU, O OUTRO E OS DISCURSOS CULTURAIS**

ANA LUIZA PEREIRA CHIANELLI

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGPsiCC) do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Deise Matos do Amparo

Brasília – DF

2025

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Deise Matos do Amparo.

Aprovada por:

Profa. Dra. Deise Matos do Amparo (Presidente)
Universidade de Brasília – UnB

Profa. Dra. Sônia Alberti (Membro Externo)
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

Profa. Dra. Márcia Cristina Maesso (Membro Interno)
Universidade de Brasília - UNB

Profa. Dr.(a) Renata Arouca de Oliveira Moraes (Membro Suplente)
Universidade Nove de Julho - UNINOVE

AGRADECIMENTO (S)

À minha mãe, Maria Roseane, por ser a fonte inesgotável de inspiração e exemplo de que o estudo e o conhecimento têm o poder de transformar vidas, assim como ela transformou a minha.

Ao meu pai, Luiz Cláudio, por sempre me acompanhar com paciência e carinho nas idas semanais à Universidade, amparando-me diante do meu medo de dirigir, e sendo meu porto seguro por toda essa jornada.

A minha avó, Maria Ceci Pereira, que partiu ao final do primeiro ano de mestrado, deixando muita saudade.

Ao Junio Rosal e Amanda Pereira, por suas palavras de afirmação e incentivo, que me fortaleceram nos momentos difíceis.

À minha analista, Tahiza Falcão, pela escuta sensível e cirúrgica em cada uma das sessões, ajudando-me a enfrentar as diversas angústias que surgiram ao longo do percurso.

À minha grande amiga e psicanalista, Lara, por ser um alicerce inestimável de escuta e suporte, sempre pronta para oferecer sua sabedoria.

Ao meu supervisor clínico, Gabriel Bartolomeu (ApOla/SP), pela troca preciosa na reta final, que me fez enxergar o potencial desta pesquisa, abrindo novos horizontes.

À psicanalista e professora universitária, Veridiana Canezin, que me inspirou a iniciar o percurso na psicanálise e a alimentar o sonho de, um dia, exercer a função de professora e transmiti-lo adiante.

À minha orientadora, Deise Amparo, por me permitir a oportunidade de aprender através de suas pontuações e por me proporcionar o privilégio de fazer parte do universo de uma universidade pública, cujos ensinamentos levarei para a vida.

À todas as professoras e pesquisadoras incríveis e generosas que aceitaram o convite para participar da banca examinadora, engrandecendo este trabalho.

E, por fim, à clínica e à teoria psicanalítica, que movimentam uma parte significativa do meu desejo e que se tornaram faróis em minha trajetória, iluminando e dando sentido ao meu percurso pessoal, profissional e acadêmico.

“A vida é tão bela que chega a dar medo,

*Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita,
mas*

*esse medo fascinante e fremente de
curiosidade que faz
o jovem felino seguir para a frente farejando
o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta.*

Medo que ofusca: luz!

*Cumplicemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:*

*Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua
— vestida apenas com o teu desejo!”*

Mario Quintana

RESUMO

O processo de identificação na adolescência é um desafio marcado pela necessidade de se reposicionar no laço social. Diante disso, este estudo teve como objetivo compreender as possibilidades de identificação dos adolescentes no contexto contemporâneo, explorando a relação entre o Eu e o Outro com base nas especificidades discursivas da estrutura simbólica atual. Para isso, foram coletadas as narrativas de 22 adolescentes por meio de um questionário online composto por 18 questões abertas, organizadas em torno de três eixos: o Eu, o Outro e a Cultura. As narrativas foram analisadas utilizando a técnica de análise de conteúdo, articulada ao referencial teórico psicanalítico. Os resultados revelaram que o Eu adolescente passa por transformações intensas, impulsionadas pelas mudanças pubertárias, mas principalmente pelas dinâmicas relacionais. As identificações demonstraram ser tensionadas por discursos contemporâneos marcados por narcisismo, negação do outro, desempenho, espetáculo e o imperativo de gozo. Essas dinâmicas culminaram em insatisfações especialmente relacionadas à aparência física, além de expectativas e ideais de sucesso voltados, predominantemente, para aspectos acadêmicos e profissionais, intensificando as comparações, preocupações e o esforço para evitar a sensação de fracasso. As redes sociais digitais, em especial as voltadas para conteúdos visuais e dinâmicos, emergiram como espaços centrais de trocas identitárias rápidas e, muitas vezes, ansiogênicas. Por outro lado, as narrativas destacaram a valorização de vínculos sólidos e recíprocos, resistindo aos ideais de liquidez da atualidade. Também foi possível evidenciar a importância da escola como espaço de mediação entre o Outro familiar e o social, embora tenham apontado prejuízos emocionais em contextos autoritários. Durante a pandemia da COVID-19, para eles, os desafios emocionais e acadêmicos foram ampliados, porém as redes sociais digitais desempenharam um papel central de conexão. No âmbito familiar, demonstraram forte admiração por figuras, como mães e avós, reforçando em suas narrativas a importância de valores resilientes, enquanto mudanças culturais e a flexibilização da religiosidade apontaram para uma construção identitária mais crítica e menos rígida. Enfim, o estudo destaca a importância de uma escuta clínica que esteja atenta às tensões do adolescer atravessadas por essas especificidades, ou seja, uma escuta contextualizada e alinhada à ética da psicanálise. Além disso, a pesquisa abre caminhos para investigações futuras que abordem diferentes recortes conceituais e sociodemográficos.

Palavras-chave: Adolescência; Identificação; Contemporaneidade; Eu; Outro.

ABSTRACT

The process of identification in adolescence is a challenge marked by the need to reposition oneself in the social bond. In view of this, this study aimed to understand the possibilities of adolescents' identification in the contemporary context, exploring the relationship between the Self and the Other based on the discursive specificities of the current symbolic structure. To this end, the narratives of 22 adolescents were collected through an online questionnaire consisting of 18 open questions, organized around three axes: the Self, the Other and Culture. The narratives were analyzed using the content analysis technique, articulated with the psychoanalytic theoretical framework. The results revealed that the adolescent Self undergoes intense transformations, driven by pubertal changes, but mainly by relational dynamics. Identifications were shown to be strained by contemporary discourses marked by narcissism, denial of the other, performance, spectacle and the imperative of enjoyment. These dynamics culminated in dissatisfaction especially related to physical appearance, in addition to expectations and ideals of success focused predominantly on academic and professional aspects, intensifying comparisons, concerns, and efforts to avoid the feeling of failure. Digital social networks, especially those focused on visual and dynamic content, emerged as central spaces for rapid and often anxiety-inducing identity exchanges. On the other hand, the narratives highlighted the appreciation of solid and reciprocal bonds, resisting the current ideals of liquidity. It was also possible to highlight the importance of school as a space for mediation between the familiar and social Other, although they pointed out emotional losses in authoritarian contexts. During the COVID-19 pandemic, for them, the emotional and academic challenges were amplified, but digital social networks played a central role in connection. Within the family, they demonstrated strong admiration for figures such as mothers and grandmothers, reinforcing in their narratives the importance of resilient values, while cultural changes and the flexibilization of religiosity pointed to a more critical and less rigid identity construction. Finally, the study highlights the importance of clinical listening that is attentive to the tensions of adolescence crossed by these specificities, that is, listening that is contextualized and aligned with the ethics of psychoanalysis. In addition, the research paves the way for future investigations that address different conceptual and sociodemographic aspects.

Keywords: Adolescence; Identification; Contemporaneity; Self; Other.

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo 1: O adolescer na ótica da psicanálise e a identificação	16
1.1 As Implicações da puberdade sobre o adolescer	19
1.2 A Constituição do Eu e os tensionamentos identificatórios na adolescência	25
Capítulo 2: Entre o Eu e o Outro: Impactos dos discursos contemporâneos no adolescer.....	34
2.1 O Eu globalizado, narcísico e performático.....	37
2.2 O Eu que nega o outro	39
2.3 O Eu que deve gozar	41
2.4 O Eu e o fracasso	43
Capítulo 3: Metodologia	46
3.1 Como a pesquisa foi realizada?	48
3.2 Quem participou da pesquisa?	59
3.3 Como foi realizada a análise das narrativas?	52
Capítulo 4: Análise das narrativas	55
4.1 O Eu adolescente: O processo de tornar-se outro sendo o mesmo.....	55
4.2 O Eu adolescente e o outro: Dinâmicas de reconhecimento e construção de vínculos	63
4.3 O Eu adolescente e a cultura: Percepções e efeitos	68
Considerações Finais	77
Referências	83

ANEXOS

1. Formulário Convite e TALE.....	91
2. Questionário Online	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.Idade.....	50
Figura 2.Gênero.....	51
Figura 3.Redes de ensino.....	51
Figura 4.Estado de residência.....	52
Figura 5.Eixos, temas e subtemas para construção do questionário.....	53
Figura 6.Temas, subtemas e categorias de análise das narrativas dos adolescentes participantes.....	55

Introdução

Esta pesquisa é fruto das minhas vivências nos grupos de extensão e pesquisa Coletivos On-line (COLL PSI) e Violências e Psicopatologias na Contemporaneidade (VIPAS), ambos coordenados pela Profa. Dra. Deise Matos do Amparo, bem como da minha prática clínica com adolescentes. Essas experiências me confrontaram com a complexidade e especificidade dessa clínica, considerando tanto os desafios próprios da adolescência quanto as implicações da cultura na qual os jovens estão inseridos.

A partir da globalização, do avanço do discurso capitalista, das mudanças no discurso científico e, sobretudo, das transformações na forma como nos comunicamos e construímos relações, somos incitados a refletir sobre como esses fatores afetam o adolescer. Diferentemente de gerações anteriores, a adolescência atual desconhece um mundo sem internet, o que a torna uma experiência privilegiada para investigar as implicações e os impactos da contemporaneidade.

A adolescência, atualmente, ocupa um lugar de destaque na hierarquia dos ciclos etários. Isso se evidencia nas dinâmicas contemporâneas: de um lado, há adultos e idosos que buscam retroceder no tempo, abandonando seus papéis sociais tradicionais para se tornarem "adultescentes" (Le Breton, 2017); de outro, crianças com autonomia crescente são cada vez mais demandadas a tomar decisões por si mesmas, deixando de ser totalmente crianças e ingressando no mundo adulto, que, no fundo, deseja ser adolescente (Soares & Stengel, 2019).

Ayub e Macedo (2011) destacam que, atualmente, embora os dados globais e nacionais não indiquem um crescimento populacional de adolescentes em relação as outras faixas etárias, observa-se, como resultado das transformações sociais e culturais, uma redução do período historicamente considerado como infância e a consequente expansão da adolescência. Essa expansão suscita novas inquietações, requer novas

produções científicas e, por consequência, demanda mudanças nas formas de intervenção em diversos campos, inclusive na clínica psicanalítica.

A escuta analítica exige um constante aprimoramento; é necessário estudar e estar atento às mudanças sociais e culturais, pois estas permitem ao psicanalista captar nuances específicas que se manifestam na clínica, como novas formas sintomáticas, modos de gozo, configurações identitárias e os desafios impostos pelas tecnologias e pelas transformações na relação com o tempo. Lacan (1959), no Seminário sobre a Ética da Psicanálise, ressalta que o analista deve "estar à altura de sua função", o que implica uma escuta afinada com as demandas e os atravessamentos próprios de cada época.

Diante disso, e considerando que o adolescer exige o abandono dos ideais totalitários da infância, herdados do ambiente familiar, para a incorporação de novos ideais — oferecidos pela cultura e pela ampliação das referências sociais (Canavêz & Câmara, 2020) —, o presente estudo tem como objetivo compreender as possibilidades identificatórias que a contemporaneidade proporciona aos adolescentes. Para isso, fundamenta-se na psicanálise freudiana e lacaniana, bem como em contribuições pertinentes de outros campos das ciências humanas, como a antropologia e a filosofia. A análise será realizada por meio da articulação entre a revisão teórica e as narrativas de adolescentes obtidas por meio de um questionário online.

Os registros Real, Simbólico e Imaginário, propostos por Jacques Lacan, são uma perspectiva conceitual valiosa para se pensar a realidade e seus desdobramentos. Esses registros oferecem uma compreensão abrangente das dimensões que constituem a realidade, incluindo os processos de identificação. No entanto, considerando o objetivo e os limites desta pesquisa de articular as narrativas dos adolescentes nas respostas a um questionário aberto on-line, com o conceito de identificação e as implicações do contexto contemporâneo, foi necessário realizar um enfoque teórico.

Embora os registros sejam inseparáveis, optou-se por um recorte que privilegia o Eu (Moi) e, conseqüentemente, o registro Imaginário. Essa decisão está vinculada ao objetivo de destacar o início da constituição do sujeito a partir da lógica especular e da validação do Outro, com sua estrutura simbólica prévia, bem como ao método empregado na coleta das narrativas dos adolescentes. Diferentemente de uma entrevista ou de um processo analítico, o método de pesquisa escolhido não permite explorar a associatividade de maneira aprofundada. No entanto, em contrapartida, possibilita o acesso a um número maior e mais diversificado de participantes.

O registro Simbólico foi abordado nas interseções entre o Outro e os discursos culturais, que desempenham um papel central na formação do Eu e de seus ideais. Já o Real, por sua vez, foi contemplado por meio do conceito de real pubertário, que marca as mudanças que irrompem e as rupturas vivenciadas pelos adolescentes na transição da infância para a adolescência. Por outro lado, uma análise mais detalhada da relação entre o sujeito [Je], o significante e o inconsciente seriam mais propícios para uma pesquisa teórica ou com base em um contexto transferencial analítico. Essa abordagem, contudo, não se alinha ao formato desta pesquisa, cujo foco está na exploração das narrativas como expressão das dinâmicas identificatórias e culturais no cenário contemporâneo, sem recorrer à transferência como ferramenta metodológica.

Apostamos que as narrativas dos adolescentes têm o potencial de revelar aspectos significativos sobre o laço social e os processos de identificação, uma vez que refletem as interações desse grupo específico com as dinâmicas culturais e os ideais que circulam no meio contemporâneo. Por meio de seus enunciados, é possível observar como eles se posicionam diante das exigências do Outro, das expectativas sociais e das próprias angústias relacionadas à construção de sua noção de identidade.

Essas narrativas também evidenciam como os adolescentes elaboram sua relação com grupos, valores e símbolos que influenciam suas experiências subjetivas, permitindo a produção de inferências sobre as formas como os laços sociais são estabelecidos e tensionados nesse contexto de transição.

No capítulo 1, será explorada a maneira como a adolescência e suas especificidades foram sendo compreendidas pela psicanálise, além da influência dos conceitos de puberdade e real pubertário no estudo da adolescência no campo psicanalítico. Para concluir o capítulo, o conceito de identificação será detalhado, com a intenção de destacar sua relação direta com a constituição do Eu e de seus ideais, articulando-o às transformações próprias da adolescência.

No capítulo 2, será abordada a relação entre o Eu e o Outro no processo de adolecer, analisando os impactos da contemporaneidade e de seus discursos. Entre os principais discursos discutidos estão a globalização, o individualismo, o narcisismo, a negação do outro, as exigências de desempenho e espetáculo, bem como o gozo e o consumo ilimitado. O capítulo também explora os efeitos da percepção de fracasso do Eu quando este não atende às lógicas e exigências que permeiam as relações interpessoais e os meios de comunicação.

No capítulo 3, será apresentada a metodologia da pesquisa, incluindo os procedimentos de coleta de dados, a descrição dos participantes e o método de análise das narrativas coletadas. Posteriormente, os dados serão discutidos em diálogo com o referencial teórico e organizados em três eixos centrais: O Eu adolescente, O Eu adolescente e o Outro (e pequeno outro) e O Eu adolescente e a cultura.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais, consolidando as reflexões e os achados do estudo para a compreensão das especificidades da identificação adolescente na contemporaneidade.

Capítulo 1: O adolescer na ótica da psicanálise e a identificação

Muito além de uma demarcação etária, a adolescência é uma construção social. Le Breton (2017), desenvolve o conceito de “idade de suspensão” ao defender que a adolescência não é evidente, pois nasceu discretamente na sociedade através das mudanças de afetividade no seio das famílias no século XVII. Juntamente com a consagração da noção de infância, segundo o autor, o termo adolescência foi se concretizando lentamente ao longo do século XIX, e deu-se a partir de uma crescente dificuldade de entrada na vida adulta. Giddens (1991) explica que esses impasses estavam ligados aos novos anseios juvenis e a descontinuidade entre formação escolar e as oportunidades de emprego ofertadas, tornando a saída do seio familiar cada vez mais imprecisa.

A noção de adolescência que se forma a partir dessa década também resulta do processo de subjetivação e constituição do que vem a se tornar o pilar de sustentação do Estado Moderno - o indivíduo (Matheus, 2020). A famosa “crise” adolescente se mostra como uma condição desse processo que foi herdeiro do ideário iluminista, ora associado ao futuro da sociedade, ora ao seu declínio. A adolescência torna-se, com isso, destaque na investigação de diversos saberes.

Na constituição da psicanálise, o tema da adolescência foi abordado de maneira discreta, principalmente por meio da obra de Freud (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Nesse contexto, o foco principal da investigação era a puberdade e o papel da sexualidade e da genitalidade. Em versões posteriores do texto, Freud também

destacou o trabalho de desligamento da autoridade parental como um aspecto central desse período. Assim, embora os psicanalistas que teorizam sobre a adolescência partam das proposições freudianas, seus sucessores desenvolveram diferentes vertentes teóricas e clínicas para abordar essa temática.

Lacan, apesar de também não teorizar diretamente sobre a adolescência, propiciou através de seu ensino, uma abertura para o surgimento de novas perspectivas, partindo do pressuposto de que a experiência sexual seria o momento em que cada sujeito se depararia com o caráter enigmático da sexualidade e a dimensão impossível da relação amorosa, podendo a adolescência ser pensada a partir disso como um momento de encontro com o real pubertário que exige um trabalho psíquico de reinscrever a operação simbólica do nome-do-pai (Matheus, 2020).

Para Rassial (2000), essa operação estaria previamente condenada, pois o real pubertário não pode ser completamente abarcado pelo simbólico. Segundo o autor, o que é passível de ser simbolizado depende de um processo de reedição do estádio do espelho. Para ele, puberdade e adolescência se articulam em uma relação lógica, e não meramente cronológica, evidenciando a exigência de reapropriação do corpo pelo o Eu, bem como a necessidade de constituição de novos ideais. Ou seja, na adolescência, o sujeito precisa lidar, simultaneamente, com a eclosão do real pubertário e com a ausência de dispositivos simbólicos no campo do Outro que sejam capazes de traduzir as transformações vividas.

Essas pontuações indicam um período de intenso trabalho psíquico, que Lesourd (2004) define como “operação adolescente”, no qual se configura como a passagem entre o discurso infantil referido ao Pai para os discursos sociais referidos ao Outro social, demandando assim, um remanejamento psíquico da relação do sujeito consigo e com o mundo. Apostamos que compreender esse momento como uma operação afasta a tentativa de generalizar - e consequentemente reduzir, uma forma de passagem, ou de

perpetuar ditos do senso comum sobre a adolescência como: “aborrecência”, “período difícil” e etc.

Neste sentido, o psicanalista, Matheus (2020), após uma apurada análise histórica do uso do termo “crise da adolescência” aponta a arbitrariedade do que seria pensar essa crise como algo exclusivamente subjetivo. Apesar de muitos na condição adolescente se identificarem com o termo, segundo ele, essa identificação estaria relacionada a marca de um traço relevante da organização social atrelada à ideologia do indivíduo e a estrutura capitalista de produção. Diante disso, o autor alerta que o termo se tornou uma ferramenta política usada de forma generalizada nas diferentes práticas institucionais, sejam elas educacionais ou clínicas, atribuída como verdade última sobre os adolescentes que produzem inquietação ou incômodo com seus discursos, “perdendo-se a dimensão de que a crise não deixa de ser sintoma daquilo que resta, para cada um, da desmedida, que sustenta a lógica mercantil e da ausência de sentido da lei que fundamenta a ordem social vigente” (p.104).

Na era contemporânea observa-se um enfraquecimento dos grandes referenciais de orientação que cimentaram o mundo social. Se anteriormente as escolhas dos sujeitos eram baseadas pelos sólidos códigos de representação oferecidos pela tradição, pela autoridade ou pela religião, atualmente se percebe um desmoronamento das balizas que conferiam um senso de coesão à sociedade (Lustoza et al, 2014). Também está presente no contexto atual, como salientam Antonelli e Gagliotto (2020), o apagamento das diferenças geracionais, devido ao ideal de juventude eterna dos adultos, o que pode causar impasses, já que é a partir do encontro com o velho, que o jovem pode se diferenciar e criar algo novo.

A partir dessas mudanças e do descentramento apresentado, cabe aos adolescentes utilizarem das ferramentas de sua época para realizarem essa operação, seja pelos espaços

grupais, como as redes sociais (hoje fortemente virtuais), como por uma via mais solitária – preço esse pago para existir como um ser único em uma sociedade de indivíduos, ou seja, o adolescente na contemporaneidade faz suas próprias marcas (Jucá & Vorcaro, 2018).

1.1 As implicações da puberdade sobre o adolescer

O conceito de puberdade, tradicionalmente abordado pela biologia e pela medicina, é entendido como um conjunto de mudanças físicas e hormonais que marcariam o fim da infância. Com o advento da psicanálise, no entanto, surgem novos paradigmas que expandem essa perspectiva. Nesse cenário, Freud revisitou suas próprias formulações de 1893, e conferiu à sexualidade infantil um novo status. A partir dessa reconfiguração, a sexualidade infantil deixou de ser vista como uma ocorrência traumática pontual e passou a ser reconhecida como um elemento fundamental da constituição humana.

A obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, publicada em 1905 por Freud, teve como propósito explorar e consolidar essa tese. Esse importante texto reflete um compromisso com conceitos e formulações significativas desenvolvidas ao longo de um período importante da obra freudiana, ultrapassando o marco temporal de sua publicação. Contudo, o texto de 1905 ocupa um lugar privilegiado na teorização sobre a puberdade por sua articulação com temas como as fantasias incestuosas, o desligamento da autoridade parental e a configuração definitiva da vida sexual.

O retrato da puberdade, conforme o destaque dado a esse momento na obra de Freud, corre o risco, segundo Matheus (2020), de ser marcado por um “determinismo finalista”. Isso ocorre porque a puberdade é apresentada como um estágio em que a integração e a síntese das pulsões parciais seriam um desenvolvimento necessário, o que

pode obscurecer a fragmentação e a descentralização do inconsciente — aspectos fundamentais da teoria psicanalítica.

Nos dois primeiros ensaios, de acordo com o autor, Freud expõe com clareza o caráter fragmentado e o desenvolvimento autônomo da sexualidade. No terceiro ensaio, entretanto, a sexualidade passa a ser abordada sob um viés ordenador, sem uma fundamentação dinâmica ou metapsicológica. Um exemplo dessa abordagem pode ser encontrado na seguinte passagem: “a puberdade, que no rapaz traz aquele grande reforço de libido, caracteriza-se para a moça por uma nova onda de repressão...” (Freud, p. 201). Como explicar ou sustentar essa premissa que sugere um determinismo heterossexual?

Monzani (1989) caracteriza esse período como um momento de “desequilíbrio teórico”, uma vez que Freud ainda não havia formulado sua teoria sobre o complexo de castração. Somente em 1915 ele acrescentaria ao texto as fases pré-genitais, o que dificultava a compreensão das transformações que subordinavam as pulsões parciais à primazia da zona genital.

Em relação à importância do complexo de castração, o termo "complexo" designa um conjunto de conflitos que abrange a amplitude e a interseção de vetores constitutivos do Édipo — eixo central da teoria freudiana sobre a formação do aparelho psíquico. Matheus (2020) explica que esse emaranhado pode ser compreendido a partir de dois eixos que se tornam gradualmente mais claros ao longo da obra de Freud: a escolha amorosa e a questão narcísica. Segundo ele, o objeto de amor infantil é renovado na nova escolha objetual, em que esse novo objeto reativa a imagem parental internalizada na infância. Trata-se de um momento que carrega o registro de uma experiência vivida e em torno do qual se configura o impossível desejo — um desejo que busca uma plenitude inexistente

e o domínio de um outro, identificado com o objeto do desejo. Por trás desse processo, está a dolorosa tarefa, apontada por Freud, do desligamento da autoridade parental.

Esse esperado desprendimento da autoridade parental revela-se dramático, pois implica desvincular-se de uma autoridade para imediatamente vincular-se a outras, seja na figura de líderes ou de instâncias que exerçam essa função. Tavares e Alberti (2018) reforçam que o desligamento da autoridade parental é consequência do adolescente não mais poder idealizar os pais como antes, não sendo mais possível fechar os olhos para a insuficiência deles.

A busca por autonomia, mais fantasiada do que efetivamente vivida, é fortemente limitada pela influência da maioria. A participação no coletivo não é apenas sedutora, mas torna-se uma necessidade — condição para a conquista de uma parcela, ainda que restrita, de autonomia compartilhada. Nesse contexto, a tarefa atribuída ao jovem exige que ele se confronte com o cenário social específico ao qual pertence, dentro dos limites impostos pelos dispositivos sociais disponíveis.

“O adolescente portanto defronta-se com uma questão política: sua busca por autonomia depende também de sua heteronomia, ou seja, depende de sua possibilidade de negociação com o eus dos demais participantes da realidade almejada, coletiva imaginariamente estabelecida. Buscar o pertencimento ao corpo coletivo a partir da designação de um lugar e de uma função conforme ao prazer que os outros esperam de sua presença, o que pressupõe, portanto, a submissão a uma ordem simbólica que o antecede, assim como a negociação do jogo da busca de prazer do qual depende a composição dos laços sociais”. (Matheus, 2020, p. 278).

A descrição de Freud (1913), apresentada também no texto *Totem e Tabu*, demonstra a marca da ambivalência e a potência dos conflitos que cada jovem enfrenta neste momento constituinte, com seus pares, seus ídolos e consigo próprio. Nele, descreve a hostilidade a partir da qual se formam os laços entre os semelhantes, que, paradoxalmente, funcionam como ponto de contenção para o explosivo mal-estar da cultura.

“A questão da puberdade assinala uma das polaridades do pensamento de Freud, que se manteve presente em toda obra, variando o seu peso e em fazer de acordo com a conjuntura teórica e política do momento. Se em 1905 o autor salientou com a puberdade o caráter finalista de um determinismo endógeno, já naquele momento caracterizava puberdade como segundo momento da sexualidade e, portanto, da constituição do psiquismo, oferecendo pistas sobre os caminhos que viria desenvolver posteriormente”.
(Matheus, 2020, p. 152/153)

Lacan (1988) destaca a obra do dramaturgo Frank Wedekind, *O Despertar da Primavera* (1973), como uma ilustração das proposições freudianas sobre a puberdade. Na peça, os personagens dão voz a questões fundamentais desse período, como identificações, descoberta da sexualidade, novas escolhas de objetos de prazer, lutos, fantasias, experiências masturbatórias, sentimentos de culpa e manifestações de agressividade, seja voltada para si ou para o outro. Além disso, a obra explora as transformações nas relações e a formação de novos laços sociais e amorosos.

Palco central de todas essas questões, a imagem do corpo - constituída em outro tempo, é colocada à prova, inclusive em seu estatuto, pela genitalização. Rassial (2000) defende que o Eu deve renunciar à bissexualização e à bissexualidade, pois sabe-se que a adolescência pode ser um período de posições provisórias, com ou sem passagem ao ato, caracterizado por uma incerteza sexual, ainda que superficial. Ainda segundo ele, no

cerne do narcisismo, a questão do olhar e da voz da mãe, presentes no estágio do espelho, é revisitada, favorecendo defesas regressivas contra o novo Édipo que se impõe tanto nos meninos quanto nas meninas. Em alguns sujeitos, essa manutenção da posição pubertária, que a adolescência deve encarar, é marcada primordialmente pela aparência, seja sobre o corpo ou vestimentas.

As transformações na aparência representam um processo delicado, capaz de gerar diversas angústias. Isso ocorre porque a maneira como o adolescente percebe seu próprio corpo e o dos outros inevitavelmente dá origem a comparações físicas e à necessidade de afirmação perante seu grupo (Melo, 2018). Além disso, essa dinâmica pode ser intensificada pela influência dos diversos meios de comunicação, que promovem os rígidos padrões de beleza valorizados em cada época.

Segundo Nascimento e Gonzales (2015), o desencadeamento da adolescência, influenciado pelo real pubertário, permite ao jovem exibir, aos olhos dos outros, um novo corpo, cujos emblemas visíveis indicam que já não se trata mais do corpo de uma criança.

É na adolescência, segundo os autores, que os fantasmas forjados no início da vida são reativados. Antes mantidos submersos, esses fantasmas são atualizados e confrontados com a interdição do Édipo. Além disso, podem remontar a uma fase anterior ao Estádio do Espelho, formulado por Lacan (1959), uma vez que, nesse processo, o corpo é apreendido como uma imagem identificatória.

Essa lógica depende, antes de tudo, daquilo que, na superfície corpórea, é tomado como significante. É a partir do olhar de um outro, na função de Outro, que o sujeito se depara com uma estranheza inesperada, ao ser colocado em uma posição desconhecida, reacendendo conflitos anteriores que permaneceram adormecidos durante o período de latência.

A estranheza experimentada — para a qual o adolescente, com frequência, não encontra um suporte simbólico capaz de traduzi-la — também surge a partir do olhar que incide sobre seu corpo, não mais como objeto de ternura ou investimento narcísico, mas como objeto sexual.

Lacan (1972), ao retomar o texto *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, de Freud, argumenta que a puberdade confronta o sujeito com uma nova versão do rochedo da castração — a impossibilidade da relação sexual —, exigindo que cada um se posicione em relação à masculinidade e à feminilidade. Nesse sentido, “o encontro com o sexo implica o encontro com algo inesperado, que pode ser bom e/ou ruim, e que necessariamente provoca angústia por trazer a marca do real, do que não pode ser dito, para o que não se tem palavras” (Tavares & Alberti, 2018, p. 14).

Rassial (2000) complementa essa perspectiva ao afirmar que o impacto real da puberdade não se reduz às transformações anatômico-fisiológicas, uma vez que afeta a qualidade dos objetos, especialmente os parentais, e inaugura uma nova posição subjetiva.

Gutton (2013), a partir de uma escola psicanalítica distinta, também reflete sobre os efeitos desse real que irrompe como um novo organizador, definindo esse momento como “pubertário”. Ele destaca a conexão entre sensorialidade e sensualidade como aspectos cruciais desse período, mas enfatiza sobretudo a irrupção do puberal como um retorno estranho, avassalador e violento, comparável a um grande intruso.

Por isso, o autor descreve os sintomas que surgem na adolescência como um “experimento de intrusão”, no qual o adolescente precisa representar e integrar (ainda que sempre de forma parcial) esse elemento estranho que o habita e lhe causa horror. Segundo o autor, é impossível ao adolescente escapar do caráter intrusivo da genitalidade — já que

a sexualidade infantil não o prepara para essa transição —, assim como dos significantes impostos pelo campo linguístico e social.

A partir dessas teorizações pós-freudianas, é possível dar maior destaque ao fato de que a própria puberdade está subordinada à intervenção do universo simbólico em que cada sujeito está inserido, podendo ser antecipada ou postergada, dependendo do contexto e da história de vida que o singulariza. Isso sugere que o real que se anuncia durante a adolescência está tanto aquém quanto além da puberdade. Ele reside na própria estrutura social em que o sujeito adolescente se lança, em seu movimento de desprendimento das referências parentais.

A adolescência acarretaria então, como nos indica Tavares e Alberti (2018), um furo no saber do sujeito, que perdeu as referências sólidas às quais estava atrelado, e se encontra diante do trabalho de se desligar do ideais infantis. O jovem se pergunta: e agora, como fico? quem sou? Defendemos que essa exploração de referências terá como norte a noção de identificação, operação estruturante essencial para a psicanálise, e a relação com o Outro (e pequeno outro).

1.2 A Constituição do Eu e os tensionamentos identificatórios na adolescência

Para que possamos compreender os tensionamentos que o Eu sofrerá a partir da adolescência, somos levados a necessidade de nos aprofundarmos no trajeto da constituição do Eu para a psicanálise, que não se dá sem o Outro e a malha das identificações.

O trajeto freudiano sobre o Eu é extenso, inicialmente o Eu surgiria a partir de seus investimentos no mundo externo, em busca de satisfação, criando um rastro de memória, trilhamentos e traços. É a partir do texto *Sobre o Narcisismo: uma Introdução* que o Eu,

segundo Freud (1914), também seria um objeto de investimento, reafirmando de certa forma o que já havia trabalhado anteriormente nos *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) sobre o corpo ser um objeto de investimento tanto próprio, através da noção de autoerotismo, quanto do ambiente e do outro.

É a partir desse investimento e da autossuficiência do narcisismo infantil que surge o “Eu ideal”, um estado temporário de natureza narcísica. Esse estado é progressivamente desmantelado pelas demandas, críticas e censuras dos educadores e da sociedade em geral (Stenner, 2004). Já o estabelecimento do “ideal do Eu” estaria vinculado a uma tentativa, por meio de uma nova ação psíquica, de resgatar uma primeira forma de satisfação representada pelo estado do Eu ideal, como definido por Freud.

Diante disso, as exigências impostas pelo ideal do Eu se intensificam, favorecendo o recalque. Freud (1923) aprofunda essa questão em *O Eu e o Id*, ao apresentar sua segunda tópica — Id, Ego e Superego (Isso, Eu, Supereu) —, delineando com maior precisão as funções e atribuições de cada uma dessas instâncias.

A partir desse momento teórico, o Eu passa a ser, em grande medida, inconsciente, enquanto o Isso se torna o reservatório de energia psíquica onde se alojam as pulsões. Com essas mudanças, Stenner (2004) argumenta que o inconsciente freudiano deixa de ser configurado como um sistema para ser concebido como uma propriedade do Isso. No entanto, isso não implica a perda da importância do recalque, fundamental para a existência do inconsciente, como postulado na primeira tópica. Pelo contrário, reforça-se a ideia de que, sem o Isso inconsciente, não há psiquismo que constitua seu primeiro furo originário.

O Eu se vê, então, forçado a lidar com múltiplas tensões: as demandas do mundo externo, a pressão da libido do Isso e a severidade do Supereu, que assumem diferentes

formas à medida que as formações edípicas avançam. Ao longo desse processo, o Eu ganha consistência por meio das identificações com objetos amados e perdidos. Sobre isso, Poian (2002) destaca que o papel do Supereu é fundamental, e que as identificações parciais, constitutivas do Eu, surgem simultaneamente, por meio da absorção de traços dos objetos. Segundo a autora, essas identificações gradualmente vão substituindo as escolhas de objetos, etapa essa que é novamente reconfigurada na adolescência.

Freud cita em diversos textos o papel da identificação, porém pode-se destacar o *Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921)*, texto que contém a célebre frase: “na vida psíquica do indivíduo, o outro entra em consideração de maneira bem regular como modelo, objeto, ajudante e adversário, e por isso, desde o princípio, a psicologia individual também é ao mesmo tempo psicologia social” p.103, ou seja, o indivíduo para ele, se forma a partir de suas relações, inicialmente com as figuras parentais e, posteriormente, por meio de outras identificações (professores, amigos...), que vão constituindo e mantendo em funcionamento a instância psíquica fundamental para o convívio social: o já mencionado ideal do Eu.

Goldenberg (2015) defende que o principal intuito de Freud, neste texto, nunca foi explicar psicanaliticamente o funcionamento coletivo, mas avançar na conceitualização do modo de constituição da subjetividade mesma, “donde duas psicologias: a de um sujeito de muitas cabeças e a de outro de uma só, regidas pelas mesmas leis e idênticos mecanismos” p.30. A partir da intenção de compreender o que há de propriamente libidinal na organização de um grupo ou massa, Freud (1921) dedicou um capítulo inteiro nessa obra para refletir sobre o Eu e a identificação.

A identificação é tratada por ele neste capítulo, como a primeira expressão de um laço emocional. Sua elaboração se origina, portanto, da investigação do estabelecimento das relações de identificação entre o Eu e o objeto. Freud (1921) apresenta três modos de

identificação: como um laço emocional com um objeto; como uma regressão mediante um traço e como uma qualidade compartilhada com alguém.

Sobre o laço emocional com um objeto, Freud (1921) ressalta que, nesse vínculo a identificação primária com o pai ocorre antes da escolha e do investimento da criança em objetos, se dando antes da entrada da criança no complexo de Édipo e, conseqüentemente, também antecede a formação do recalque propriamente dito. Essa identificação primária, fundamental, foi baseada nas proposições de Freud (1913) em *Totem e Tabu* sobre a origem da civilização através do mito do pai da ordem primitiva. Na horda primitiva, o pai, que detinha todas as mulheres, é morto e incorporado, gerando tabus e proibições. Stenner (2004) explana que o ódio ao pai está na origem, e que do remorso sentido devido a esse ódio e à morte do pai, surgem todos os interditos sociais. O pai morto, que se torna mais poderoso do que quando vivo, instaura uma lei que possibilita a existência de um clã fraterno. A identificação por incorporação desse pai, elevado ao lugar de ideal, permite a coesão do grupo, mesmo que às custas de um mal-estar.

Isso está diretamente relacionado com o que Freud (1921) conclui, sem nos determos nos desdobramentos específicos propostos em relação a igreja e ao exército, que mesmo que a identificação seja a forma original de laço emocional com o objeto, a identificação grupal só se torna possível porque o sujeito suspende o seu “Ideal do Eu” e preenche o seu lugar pelo ideal do grupo corporificado na figura do líder, ou seja, uma identificação ao ideal paterno.

Diante disso, é fundamental destacar o papel da escola e de suas relações na construção e/ou no confronto com os ideais identificatórios, tanto na infância quanto na adolescência. Segundo Ayub e Macedo (2011), às vivências no ambiente familiar, marcadas por ausências ou excessos, tendem a se refletir no ambiente e nas relações escolares. A escola apresenta ao sujeito um universo de investimentos psíquicos que o

desafiam com novas exigências, justamente por ser um espaço amplo, que ultrapassa os limites do núcleo familiar, oferecendo espaço para o surgimento de novas referências e conflitos (Ayub & Macedo, 2011).

Em conexão com os tempos atuais, é possível associarmos as proposições freudianas sobre a lógica identificatória e libidinal à formação de grupos e massas nas redes sociais digitais. Nesse contexto, os líderes assumem a forma das chamadas “autoridades” ou “influencers”, que determinam opiniões, escolhas e objetos de consumo, agregando legiões de seguidores — especialmente jovens — em uma escala muito mais ampla do que os grupos tradicionalmente limitados por questões regionais ou geográficas. Consideramos que esse fenômeno identificatório, que também pode gerar rejeição e discursos de ódio, está intimamente ligado à construção dos ideais de Eu na contemporaneidade.

Diante do exposto, para a teoria freudiana, o Eu se constitui gradualmente. Nesse processo, inicialmente, há um Eu rudimentar, baseado no corpo e na pulsão (o qual é um impulso energético originado em uma excitação corporal). Esse esboço de Eu se dirige ao encontro do objeto, formando, assim, o psiquismo (Poian, 2002). A subjetividade, portanto, se constituiria a partir de algo interno.

Já para Lacan, como contrapõe Poian (2002), o caminho é diferente: para ele, é o objeto que causa o Eu, não havendo um rudimento propriamente egóico que antecede à alteridade. Nesse sentido, o intrasubjetivo torna-se transubjetivo. Assim, o Eu se identifica com sua própria causa, não há um sem o outro. Por isso Lacan (1954) afirma que o “o Eu é um outro”, pois ele é outra coisa, um objeto particular dentro da experiência de sujeito. Literalmente um objeto que preencheria uma função que categorizou como função imaginária. Seguindo esse raciocínio, Alberti (2004) define o Eu como uma “gestalt imaginária” utilizada para nos identificarmos e nos diferenciarmos uns dos

outros, enquanto o sujeito, por sua vez, é sempre efeito da fala, e não poucas vezes surpreende justamente por não ser antecipadamente gestaltizado.

“O fato de ele ser imaginário, isso não retira nada aí esse pobre eu, direi até que é o que ele tem de bom. Se ele não fosse imaginário, não seríamos homens, seríamos luz. O que não quer dizer que basta que tenhamos esse eu imaginário para sermos homens. Podemos ser ainda essa coisa intermediário que se chama louco. Louco é justamente aquele que adere a este imaginário, pura e simplesmente”. (Lacan, 1955, p. 329)

No mesmo Seminário, Lacan (1955) explica que é a partir da ordem imposta pelo muro da linguagem que o imaginário adquire sua falsa realidade — uma realidade que, apesar de ilusória, é verificada na experiência. Segundo ele, quando o sujeito se comunica com seus semelhantes por meio da linguagem comum, ele não apenas reconhece os “Eus imaginários” como existentes, mas também como reais. Isso ocorre porque, ao falar com os outros, o sujeito os relaciona à sua própria imagem, de modo que aqueles com quem interage são também aqueles com quem se identifica.

Se a fala se fundamenta na existência do outro verdadeiro, a linguagem serve para nos remeter ao outro objetivado — aquele com quem podemos fazer o que quisermos, inclusive considerá-lo um objeto. Ao usarmos a linguagem, nossa relação com o outro opera o tempo todo dentro dessa ambiguidade, “em outros termos, a linguagem serve tanto para nos fundamentar no outro como para nos impedir radicalmente de entendê-lo” (Lacan, 1955, p.331)

Diante disso, a identificação no registro imaginário — que não é totalmente imaginária, pois o simbólico já está presente através da inserção no mundo da linguagem — ocorre, segundo Lacan (1949), a partir do estágio do espelho. Nesse momento lógico,

o bebê antecipa o domínio sobre sua unidade corporal ao se identificar com a imagem do semelhante e ao reconhecer sua própria imagem no espelho. Essa marcação não se dá apenas por meio dessa percepção, mas também pela ratificação do adulto, representante do Outro, que valida essa imagem, proporcionando ao bebê uma forma ideal e antecipada de si (Vilas Boas & Amparo, 2020).

Essa imagem totalizante que a representa, mesmo que ilusória, cristaliza-se como Eu ideal. O Eu ideal aqui, está diretamente associado à identificação imaginária e é estabelecido pelo estado de onipotência durante o narcisismo infantil, originando-se desse Eu investido libidinalmente no Estádio do Espelho (Lacan, 1957-58). Esse caráter de exterioridade da imagem é fundamental e alienante, refletindo a transformação que ocorre ao assumir-se uma imagem. Nessa assunção, não há coincidência entre o Eu e o sujeito. A principal diferença reside, segundo Vilas Boas e Amparo (2020), que o Eu que vejo, a imagem, é instituído pela confirmação do Outro, enquanto o que se é como sujeito é algo a ser construído, “mesmo que um certo nível ele determine a estruturação do sujeito. Ele é tão ambíguo quanto pode ser o próprio objeto, do qual ele é, de certa maneira, não apenas uma etapa, mas o correlato idêntico” (Lacan, 1954, p.76).

Dando um passo adiante, o ideal do Eu surge ao romper com a lógica dual que o espelho proporciona, fazendo com que a criança perceba que não está inteiramente contida no eu ideal. Esse corte, conforme ressalta Poian (2002), coloca o ideal como um horizonte a ser alcançado. Essa operação se realiza nos três tempos do Édipo: por meio de uma identificação com o desejo da mãe, seguida pela descoberta da lei do Pai e pela simbolização dessa lei, o que permite as identificações posteriores. As identificações subsequentes, especialmente na adolescência, encontram uma importante fonte nos grupos, onde as atividades cotidianas compartilhadas podem representar uma tentativa

coletiva de elaborar os impasses relacionados ao Eu e ao laço social (Ayub & Macedo, 2011).

Vale mencionar que após anos de trocas nos seus seminários e avanços teóricos-clínicos, Lacan (1961-62), desenvolveu um tipo de identificação que estaria anterior à identificação imaginária, descrita no Seminário 9, seminário dedicado à temática da identificação, onde apresenta inicialmente uma retomada às noções de identificação definidas por Freud, destacando que o aspecto mais importante se tratava da identificação ao significante. Ressaltou o termo “Einsiger Zug” usado por Freud, “traço único”, para articular com a sua leitura de que essa identificação primeira acontece pela via de um traço isolado.

O significante é caracterizado como uma diferença baseada na função da unidade, compreendida como a função do UM, não no sentido de unificação, mas de singularidade, referindo-se a um traço puramente distintivo (Stenner, 2004). É precisamente esse traço que constitui o sujeito em sua relação com o Outro, o inconsciente, que é o tesouro dos significantes, a partir do qual o sujeito só pode se representar por um significante, extraído como um traço desse Outro. Vilas Boas e Amparo (2020), com Lacan, apontam que é através dessa unicidade do traço unário que o campo do desejo se constitui e se torna possível, sendo produto da não fixação de um significante. Essa operação instaura a identificação simbólica: uma identificação pelo que é distinto em sua essência, ou seja, sem significação a priori.

A partir disso, a passagem do Eu ideal para o ideal do Eu teria o traço unário como suporte. A identificação ao traço expõe a falta e faz um corte na imagem do Eu, delimitando o Eu como faltoso. Ao enlaçarmos significante e ideal, surge o caminho de saída do narcisismo, ao passo que isso norteia o Eu para a construção de sua unicidade no laço social (Vilas Boas & Amparo, 2020).

Nessa etapa de sua elaboração, Stenner (2004) destaca que Lacan ainda não contava com a conceituação do objeto a, mas, visando a frente, a autora propôs já delimitar que a identificação surge a partir de uma operação cujo resto é o objeto a, o qual aponta para uma falta constitutiva tanto no sujeito quanto no Outro e portanto, conclui que

“Na verdade, trata-se da identificação a uma falta no Outro. É a falta no Outro, tomada como objeto, frente a uma perda, que viabiliza ao sujeito poder advir no Outro a partir das identificações. Em O Seminário, livro 11(1964), Lacan traz a falta para o campo do sujeito e do Outro. A falta tem uma dupla inscrição. Por um lado, ela advém do fato de o sujeito depender de um significante que está primeiro no Outro; por outro lado, ela é o que o sujeito perde em sua entrada na linguagem. O que Lacan dirá, de outra forma, é que não há no campo do Outro, nem no campo do sujeito, um significante que dê conta do ser, da mulher, da morte, e, portanto, a falta é condição de inscrição para todo ser de linguagem.” (Stenner, 2004, p.58)

Por isso, a operação primordial de identificação destaca-se neste estudo como um recorte teórico central, entre as múltiplas questões que permeiam o processo de adolescer. O psicanalista francês Octave Mannoni (1986) acreditava que a complexidade dos fenômenos de identificação dificultava uma teoria psicanalítica da adolescência, pois segundo ele, o Eu é compelido — como e por que motivo? — a renunciar às identificações passadas. Ele sabe que "não é mais uma criança" (e, se não souber, sempre haverá quem o lembre disso), mas também sabe que ainda não é um adulto (o que lhe é lembrado com ainda mais frequência) e que ele se expõe ao ridículo (o que produz justamente uma ruptura de identificações a nível do eu) se ele acreditar nisso.

Vilas Boas e Amparo (2020) ressaltam a existência de duas vertentes que contribuem para a apropriação de um corpo próprio e da noção de Eu: as sensações corporais e a

imagem sancionada pelo Outro. É possível questionar os efeitos dessa apropriação na entrada da adolescência, pois é um período marcado por intensas mudanças corporais e imagéticas — relacionadas à puberdade, mas não só como vimos —, especialmente no que diz respeito às tensões ligadas ao ideal do Eu. Essas tensões surgem na relação com o outro a todo momento, porém entende-se que essas tensões adquirem características específicas durante a adolescência. De acordo com Rassial (1999), a adolescência está fundamentada de maneira egóica, representada através da questão: como mudar continuando ser o mesmo?

Portanto, o processo de adolecer implica, por definição, uma dimensão de luto. O Eu adolescente é confrontado com a necessidade de elaborar perdas, não apenas a do corpo infantil, transformado pelas mudanças físicas, mas também a do lugar anteriormente ocupado na dinâmica familiar (Medeiros & Calazans, 2018). Essa convocação para um novo posicionamento expõe o adolescente a uma situação inédita, na qual as antigas coordenadas que organizavam seu mundo já não são suficientes, assim como os discursos parentais que antes o sustentavam. Esse lugar ainda indefinido pode trazer uma sensação de isolamento ou até de exílio (Lacadée, 2011). Diante disso, os adolescentes podem enfrentar esse exílio de diferentes formas, sendo fundamental para eles compreender o lugar que ocupam em relação ao Outro, tanto enquanto sujeitos quanto diante das expectativas que lhes são projetadas.

À medida que ocorre a transição do Outro parental para o Outro social, Gurski e Pereira (2016) destacam que o jovem atravessa um processo de desconstrução e reconstrução de referências e conceitos sobre si mesmo e sobre o mundo. É nesse intervalo, entre o Outro familiar e o Outro social, que o adolescente buscará construir seu lugar de enunciação.

Capítulo 2. Entre o Eu e o Outro: Impactos dos discursos contemporâneos no adolescer

A adolescência inclui uma ou várias fases de incerteza narcisista e simbólica, momentos em que o adolescente parece estar paralisado no processo que deve culminar na operação que Rassial (2000) definiu como “refundação identitária”. Podemos considerar a fundação e a necessidade de refundação a partir da estrutura formada pela constituição do Eu e seus ideais, bem como pelos impactos pubertários. No entanto, as formas e os conteúdos dessa refundação são diretamente influenciados pelas novas maneiras de se relacionar e de estar no mundo, assim como pelos objetos ofertados pela cultura e pela relação que foi constituída com o Outro.

Lacan (1960) reforça a relação do sujeito com o que lhe é alteridade ao propor o conceito de Outro como uma das designações do inconsciente. Assim, para ele, o inconsciente se manifesta no lugar do Outro, entendido como o “tesouro dos significantes” e o depósito de materiais que o sujeito recebe de elementos externos ou desconhecidos. O próprio sujeito, é definido por Lacan como um efeito desse Outro, pois o significante que o representa em relação a outro significante provém desse campo.

Analogamente, podemos relacionar com a leitura de Lacan (1962-1963) sobre a Banda de Moebius, onde uma fita, torcida de forma particular, une duas superfícies, mesclando interior e exterior e rompendo com a lógica topológica da esfera, na qual existe uma separação clara entre as superfícies interna e externa. Dessa forma, o sujeito é continuamente impactado pela palavra que o representa, pelo corpo que nele pulsa, pelo mundo que o envolve, pela política que o orienta, pela ciência que o define e por toda a cultura que o afeta e molda (Oliveira & Hanke, 2017).

A ordem simbólica, conforme Zizek (2010), constitui a segunda natureza de todo ser humano falante. Trata-se de uma estrutura não escrita que regula a sociedade, exercendo controle sobre os indivíduos, já que o sujeito, como ser de linguagem, só existe dentro das próprias estruturas de linguagem. Por isso, o grande Outro desempenha o papel de referência central para o sujeito. Zizek também destaca, apoiando-se em Lacan, que o eu busca no Outro um reconhecimento, motivado pela própria insuficiência de saber. Essa dinâmica implica uma busca contínua por algo que falta no sujeito, um movimento incessante de tentar preencher essa lacuna, direcionando-se a uma instância percebida como superior ao saber total.

Nesse contexto, o grande Outro é a instância que confere reconhecimento aos seres humanos e também serve como referência social. Durante o estágio especular, como debatido no capítulo anterior, a mãe encarna esse papel, mas, à medida que o tempo passa, a criança passa a desejar integrar-se ao reconhecimento do Outro e percebe que isso só é possível por meio da linguagem (Scarano & Pertile, 2021). O pequeno outro, por sua vez, representa o semelhante que compete pelo reconhecimento dessa instância maior, de natureza social, “no caso bíblico, assim como Caim e Abel buscaram o reconhecimento de Deus, o ser humano, como pessoa, visa ocupar um lugar que lhe confira notoriedade” (Scarano & Pertile, 2021, p.16).

O lugar do Outro é sempre o destino das questões do sujeito e permanece sempre sendo - morada dos significantes que se articulam em cadeias ao mesmo tempo em que sofrem e causam no Eu, no entanto, assim como a língua é viva, o lugar do Outro também está em constante construção e transformação (Oliveira & Hanke, 2017). Não sendo possível negligenciarmos o papel preponderante da cultura e seus discursos dominantes em cada contexto sócio histórico.

Como não há consenso na comunidade acadêmica sobre estarmos vivendo um novo período histórico com eixos organizadores próprios e significativamente distintos dos da modernidade, a análise social e cultural da contemporaneidade tornou-se complexa. Esse cenário acarretou o surgimento de diversas perspectivas teóricas que buscam compreender o impacto das transformações observadas no mundo atual (Hennigen, 2007)

Hennigen (2007), ao estudar sobre a contemporaneidade, destaca essas como as principais transformações que permeiam o tecido social: avanços tecnológicos — especialmente nos sistemas de informação e comunicação; novas dinâmicas nas relações entre capital e trabalho; mudanças nas esferas políticas e institucionais; em nossa percepção de tempo e espaço; nas lutas dos novos movimentos sociais; e no modo como nos constituímos subjetivamente. Ao reunir contribuições de diversos autores, a autora observa que uma descrição abrangente dessas rupturas inclui a desconfiança em relação às metanarrativas e aos significados universais e transcendentais, a crise das hierarquias — de saberes e culturas —, a crise da representação e o predomínio dos simulacros, a transição do logocentrismo para o iconocentrismo, além da fragmentação e do descentramento da identidade, entre outros aspectos.

A seguir, propomos alguns eixos que exploram as posições às quais o Eu é convocado na contemporaneidade, com o objetivo de problematizar o que é transmitido aos adolescentes. Como nos lembra Tubert (1999), toda concepção de adolescência está necessariamente co-determinada pelo modelo (ideal) de idade adulta que adotamos, influenciando o imaginário desse período. Além disso, considerando as complexidades inerentes ao processo de tornar-se e ser adolescente, compreendemos que esse grupo está entre os mais impactados pelas transformações na ordem simbólica.

2.1 O Eu globalizado, narcísico e performático

A referência à globalização é recorrente nas análises da contemporaneidade, pois seus efeitos não se limitaram ao mercado e à economia, mas influenciaram profundamente o modo de vida em geral. Sendo principalmente resultado do desenvolvimento dos sistemas de comunicação, Hennigen (2007) afirma que a globalização gera a sensação de que todos vivem em um mundo único e de que, instantaneamente, é possível se conectar com tudo o que acontece em qualquer lugar do planeta. No entanto, indo além do simples acesso a informações diversas, Bernardes e Guareschi (2004) destacam que esse processo impacta os sentidos que atribuímos à nossa vida e a forma de organização dos grupos sociais, resultando em mudanças nos marcadores identitários e nos vetores de subjetivação.

Esse contexto favoreceu o surgimento da mídia e das redes sociais digitais como mediadores na construção de ideais e identidades, trazendo tanto novas possibilidades quanto desafios para aqueles que estão ingressando nesse mundo. Esse impacto é especialmente significativo para os adolescentes, que, como discutido anteriormente, atravessam um momento de “refundação identitária” e de exploração de novas referências.

“Evidencia-se como nossa sociedade atual, nestes momentos de globalização, valoriza a realização pessoal, o consumo de objetos e informações. Gira em torno de consumir a própria existência em múltiplos prazeres anunciados pela mídia. É, portanto, o narcisismo que vai dar o lastro a este processo de individualismo, que implica no enfraquecimento do social e da luta de classes. Há um movimento de despolitização e importa mais a esfera particular. O enfoque é o presente, o ter, o status da realização pessoal pela acumulação de bens.” (Nascimento & Gonzales, 2015, p.245)

Diante dessas transformações, o exacerbamento dos investimentos narcísicos no Eu tornou-se uma característica marcante da contemporaneidade. A mídia e as redes sociais digitais desempenham um papel central nesse processo, potencializando dinâmicas que podem ser analisadas a partir de diferentes perspectivas teóricas. Uma delas é a “cultura do narcisismo”, conceito desenvolvido por Lasch (1983), inspirado no conceito freudiano, segundo o qual o mundo estaria cada vez mais centrado no “Eu” da individualidade, caracterizado por uma autorreferencialidade constante. Nessa lógica, a busca incessante pela estetização de si se torna um objetivo central da existência. Paralelamente, a noção de “sociedade do espetáculo”, proposta por Debord (2003), também oferece uma leitura relevante desse fenômeno, ao destacar a exigência do espetáculo e a necessidade de capturar o olhar do outro como elementos estruturantes dos laços sociais. Nesse contexto, a *mise-en-scène* assume o papel de reguladora fundamental das interações no espaço social contemporâneo.

O psicanalista brasileiro Joel Birman (2024), um dos grandes pesquisadores da temática, argumenta que, na contemporaneidade, o sujeito é regido pela lógica da performatividade, moldando seus gestos para seduzir o outro, que passa a ser visto apenas como um objeto destinado ao seu gozo e à exaltação do próprio Eu. Nesse cenário, as individualidades tornam-se descartáveis, reduzidas à condição de bens de consumo, impulsionadas pela retórica publicitária que enaltece essa dinâmica. Birman (2024) ressalta que a alteridade e a intersubjetividade, enquanto formas de existência, tendem ao esvaziamento e ao silenciamento. Assim, “é enraizado nesse vazio que a cultura das drogas se desenvolve, tanto as legitimadas pela medicina e pela psiquiatria, quanto as ilegais e ilegítimas, disseminadas pelo narcotráfico” (Birman, 2020, p. 108-109).

Ou seja, o apelo à sedução e ao fascínio do outro, elemento importante na fase especular da constituição do Eu, mediado excessivamente pela captura de imagens

exibidas na cena social é um fenômeno que apresenta implicações fundamentais para o surgimento de novos sintomas e para a construção do discurso da psicopatologia na contemporaneidade. Por isso, as demandas provenientes do contexto atual, relacionadas ao uso que a sociedade faz de um poder manifestado por meio das elevadas exigências ligadas às possibilidades de reconhecimento social e cultural, têm sido objeto de constante reflexão tanto teórica quanto clínica (Ayub & Macedo, 2011), especialmente no que diz respeito à intensificação ou ao desencadeamento do sofrimento psíquico em adolescentes.

2.2 O Eu que nega o outro

De acordo com Birman (2024), o sujeito contemporâneo permanece em um estado constante no registro especular — do Eu e do imaginário, como discutido anteriormente— onde seu principal interesse é a amplificação exagerada de sua própria imagem. O outro é visto apenas como um meio para fortalecer essa auto imagem, podendo ser descartado como um resíduo quando já não cumpre mais essa função.

O filósofo contemporâneo Han (2022) argumenta que, nesse contexto, surge um imperativo de autenticidade que gera uma compulsão narcísica, distinta do amor-próprio - que não exclui o outro. A postura narcisista, ao contrário, cria uma cegueira em relação ao outro, “o outro é dobrado até que o ego se reconheça nele. O sujeito impulsionado socialmente pelo narcisismo percebe o mundo apenas como sombras de si mesmo. A consequência fatal é que o outro desaparece. O si se difunde e se torna difuso. O Eu se afoga no si” p.41.

Buscamos através dos meios digitais, na atualidade, eliminar qualquer distância em relação ao outro, mas acabamos produzindo de forma paradoxal um excesso de positividade e com isso, já não temos mais o outro, antes, fazemo-lo desaparecer. O

algoritmo só mostra o que é comum, o que reforça os ideais de Eu, fazendo até com que os poucos debates e diferenças se dissipem de forma efêmera.

Sob essa perspectiva, é necessário reconhecer que, hoje, o meio social dificilmente proporciona aos adolescentes — ou oferece de forma muito limitada — oportunidades para vivências autênticas de alteridade, ou seja, experiências que realmente permitam ao sujeito abrir-se para o horizonte da diferença (Birman, 2024). Nesse sentido, o que se apresenta ao sujeito, é a falta de um horizonte dialógico e pragmático para o encontro com o outro em processos comuns, “a rede se transforma, hoje, em um campo de ressonância especial, em uma câmara de eco, da qual eliminada toda alteridade, toda estranheza. A ressonância real pressupõe uma proximidade do outro” (Han, 2022, p.15).

No excesso de comunicação e trocas digitais, alguma dose de recolhimento e distância que seria protetora é perdida. O que nos protege? O que protege o adolescente atual imerso nessa “coação por transparência” e exibição que lhe são demandados? Han (2022) ressalta que essa transparência e hipercomunicação nos furtam de toda interioridade protetora. Ainda, segundo ele, o excesso produz uma angústia latente, que remete não à negatividade do outro, mas ao excesso de positividade. O inferno transparente do igual não é livre de angústia. Angustiante é, justamente, o cada vez mais forte murmúrio do igual.

2.3 O Eu que deve gozar

Além desses novos modos de se subjetivar no mundo, o adolescente em sua “crise” fica mais desamparado, devido à ausência de rituais de passagem claramente demarcados, como aponta Le Breton (2017), e à falta de projetos sociais compartilhados.

Oliveira e Hanke (2017) ressaltam sobre uma época em que, ao se desligarem das influências dos pais, os adolescentes encontravam, fora de casa, grupos com valores bem definidos com os quais buscavam se identificar. Subculturas como a dos punks, hippies e roqueiros ofereciam valores representativos sólidos, aos quais muitos jovens se vinculavam por toda a vida. Hoje, esses valores ainda existem, mas a variedade e a rapidez com que surgem são tão grandes que os jovens parecem não se apegar mais a eles da mesma forma. Restam apenas pequenos pactos em torno da possibilidade de extrair gozo do corpo do outro, a qualquer custo (Birman, 2024).

Esse gozo a qualquer custo está diretamente relacionado à lógica e ao discurso capitalista, que promovem a exploração de si, o consumo e o acúmulo de capital e bens. Esse sistema também influencia as dinâmicas de socialização, gerando impasses que, conforme apontam Oliveira e Hanke (2017), impõem um imperativo de gozo em lugar da renúncia — uma ordem de "Goza!" que, paradoxalmente, é impossível de ser plenamente atendida. Os autores destacam que, com isso, o Supereu não reduziu sua pressão nem sua rigidez; ele apenas alterou a natureza de sua exigência. Se antes a ordem era "não se satisfaça" — igualmente irrealizável, já que o sujeito encontrava satisfação no sintoma —, agora, ele comanda o gozo, mas sem oferecer uma orientação clara sobre como alcançá-lo. Ou, mais precisamente, diante da infinidade de possibilidades oferecidas, é como se, na prática, não houvesse nenhuma.

O homem contemporâneo, na tentativa de tamponar a inconsistência do Outro, submerge nas demandas do mercado, adquirindo cada vez mais objetos associados ao mais-de-gozar (Pena & Silva, 2018). Contudo, essa busca jamais será capaz de preencher o campo do gozo, que permanece essencialmente insaciável. Betts (2004) aponta que nessa lógica o supereu operaria exigindo o gozo de três formas: acumula! (goza da

acumulação do capital); trabalha! (goza do excesso de trabalho); e o consuma! (consuma-se também no processo, intoxique-se!).

Gurski e Pereira (2016) defendem que associado a esse contexto, é importante destacar outra característica: a idealização da adolescência como um traço marcante de nossa época. Ser jovem é visto como "ter o mundo nas mãos", como expressa uma conhecida frase. Essa imagem da juventude vem acompanhada da ideia de um gozo pleno, sustentado pelo vigor físico, pela intensa vida social e sexual, pelo poder de consumo, entre outros aspectos. Tudo isso impõe ao jovem um imperativo: goze!

Nesse cenário do imperativo de gozar, a linguagem perde seu poder metafórico, sendo cada vez mais permeada por imagens que se concretizam no corpo e na ação. Birman (2020) discorre que o discurso dos adolescentes exemplifica bem essa mudança, já que é constantemente atravessado não só por imagens, mas também por imagens de ação, segundo o autor, parece ser impossível, para os adolescentes, manter algo apenas no pensamento e discorrer sobre isso sem ceder ao imperativo do agir. Han (2022), defende que apenas onde o “sujeito de ação” se retira, onde o seu ímpeto cego pelo objeto é interrompido, as coisas recuperam a sua alteridade, o seu caráter de enigma, a sua estranheza - o que é mais psicanalítico do que essa recuperação?

A psicanálise através da sua insistência na potência da linguagem e da fala, oferece aos adolescentes uma alternativa, uma via de saída. Ela propõe uma escuta clínica que transcende técnicas padronizadas e questionários estruturados, voltando-se para o discurso do sujeito em sofrimento. É precisamente no que falha e escapa ao esperado que a psicanálise encontra seu principal interesse, ou seja, “pensar a adolescência a partir da psicanálise significa então exatamente isso: ouvir o discurso daquele que foge à regra, do

sujeito errante que deve se haver com as vicissitudes do seu desejo” (Medeiros & Calazans, 2018, p.139).

2.4 O Eu e o fracasso

Tais especificidades apontam para um ideal de Eu nunca satisfeito e um Supereu muito mais exigente, colocando assim mais barreiras para a sociedade acolher as questões e o sofrimento do adolescente. Hoje, cada sujeito está, de certa forma, isolado consigo mesmo, com seus sofrimentos e angústias. O sofrimento se torna privatizado, individualizado, transformando-se em objeto da ciência, que busca curar o eu e sua psique. Cada um sente vergonha e culpa apenas a si mesmo por suas fraquezas e insuficiências (Han, 2022).

Embora a cultura atual seja geralmente vista como permissiva e diversa, onde a busca pelo prazer seria facilitada, os dados da Organização Mundial da Saúde revelam uma preocupante escalada crescente nos casos de depressão. Golderberg (2015) explica que em contraste com essa imagem de liberdade, nota-se um aumento no sofrimento das pessoas, pressionadas por uma crescente exigência por trabalho e desempenho — especialmente em termos de performance social, aquilo que pode ser exibido —, o que muitas vezes ocorre à custa de momentos de conexão com os outros.

Sob a exigência de desempenho e espetáculo, Han (2022) aponta que a autoexploração é muito mais eficiente do que a exploração externa, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. Mesmo com a ilusão de extrema liberdade e infinitas possibilidades esse Eu fracassa, e pode definhar na sua exigência de autossuficiência, sem se permitir muitas vezes fazer um apelo pois, “pega mal” precisar do outro, pois isso revelaria as falhas e faltas do demandante” (Birman, 2020, p.127). Na

cultura do narcisismo triunfante, as insuficiências supostamente não deveriam existir e não podem ser exibidas, já que desqualificam o eu e frustram o ideal que busca concretizar.

A castração, em seu papel organizador do psiquismo, busca abordar a temática dos limites, da constatação e aceitação da finitude e da incompletude humana. Ela permite a abertura para o registro da falta, condição essencial para que o desejo possa emergir. No entanto, como o desejo encontrará espaço em uma contemporaneidade que parece se esforçar excessivamente para apagar a falta? Nesse contexto, sobra apenas espaço para a demanda. Ayub e Macedo (2011) argumentam que a tarefa de reeditar a castração que é central na adolescência, se tornará mais desafiadora à medida que os outros ao redor também estão alienados pela lógica de um Eu sem limites, voltado para a busca incessante de realização e prazer.

Soares e Stengel (2019) descrevem que o ideal-sintoma associado à adolescência reflete a dificuldade em sustentar o laço social e garantir sua transmissão, dada a ausência de representantes sociais com os quais os jovens possam se identificar. Essa lacuna favorece o surgimento de um ideal narcísico totalizante sem falhas, voltado exclusivamente para o presente, em detrimento de um ideal de Eu que projete o futuro e permita espaço para a falta e o conflito – elementos essenciais para o movimento do desejo.

Com isso, diante da inevitável sensação de fracasso, Le Breton (2017) ressalta o surgimento especialmente na adolescência das “condutas de risco”, que visam, segundo ele, construir sentido para continuar a viver, para afastar-se da sensação de impotência buscando se tornar novamente ator de sua existência, mesmo que seja preciso pagar um

alto preço. Diante dos impasses na relação consigo e com o Outro, é típico na adolescência a aposta no domínio e na concretude do corpo.

“Estas condutas são uma busca de suporte, de escora, ao se ferir, se esfolar, se colidir com as extremidades da realidade, experimentando o corpo a corpo com a toxicomania, o alcoolismo, a anorexia, a bulimia... Trata-se de fabricar uma dor que retenha provisoriamente o sofrimento. Uma dor deliberada, controlável portanto, opondo-se a um sofrimento que tudo devora em seu caminho [...] Daí os desafios clínicos e éticos dos diagnósticos. As condutas de risco ou os ataques ao corpo são, mais frequentemente, passageiros, técnicas de sobrevivência para romper a gravidade do sofrimento e para resistir. São, paradoxalmente, soluções, mesmo que tenham uma dose de veneno mais ou menos acentuada.” (Le Breton, 2017, p.36 e 42)

Em conclusão, Nascimento e Gonzales (2015) concordam com Melman (2009) ao considerar que a crise da adolescência na contemporaneidade reside, sobretudo, no fato de que a sociedade e a geração anterior não sabem mais qual discurso sustentar para os jovens, nem que sabedorias e valores transmitir. Elas próprias estão igualmente influenciadas e impactadas pelos discursos dominantes tal como os adolescentes.

Diante desse cenário, torna-se fundamental, por meio de projetos e pesquisas, aprofundar a compreensão sobre como os adolescentes vivenciam, expressam e significam os desafios de sua época. Com isso, é possível não apenas dar voz às suas experiências, mas também refletir sobre o papel dos espaços coletivos e do conhecimento na construção de respostas e suporte para suas demandas.

Capítulo 3: Metodologia

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória, de corte transversal e de base psicanalítica. A pesquisa qualitativa, em sua essência, de acordo com Soares (2020), destaca-se pelo desenvolvimento de conceitos a partir de fatos, ideias e opiniões. Ela se fundamenta na compreensão indutiva e interpretativa dos dados coletados, que são relacionados ao problema de pesquisa. Assim, ainda de acordo com a autora, a pesquisa qualitativa transita da descoberta à compreensão dos fenômenos dentro de seu contexto cultural, interpretando os fatos encontrados e indo além da quantificação das informações.

A propósito do declínio dos ritos de passagem das sociedades tradicionais, dos desdobramentos de um capitalismo avançado, da rapidez das transformações tecnológicas e da complexidade dos sistemas sociais e comunicacionais atuais que incrementam o universo simbólico atual, se mostra fundamental investigar as especificidades da adolescência relacionadas aos processos de identificação na contemporaneidade, por meio não só do estudo da literatura sobre a temática, mas principalmente através da articulação desta com as narrativas dos próprios sujeitos adolescentes.

As narrativas circulam em textos orais, escritos e visuais e têm sido amplamente investigadas e utilizadas como ferramenta em diversas áreas do conhecimento. Paiva (2008) aponta que a pesquisa narrativa comum pode ser caracterizada como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará dados para entender um determinado fenômeno.

Nesse contexto, a narrativa seria a exposição do mundo perceptual do participante através de signos, que representam aspectos que foram internalizados, ressignificados,

transformados antes de serem externalizados (Santos, Fouraux & Oliveira, 2019). Quando externalizamos algo, buscamos criar uma organização que seja inteligível para o receptor – neste caso, para a pesquisadora. Isso foi feito por meio de perguntas, que direcionam o foco para o conteúdo a ser analisado, permitindo, assim, realizar inferências fundamentadas no arcabouço teórico psicanalítico.

Cabe salientar que a pesquisa em psicanálise não se confunde com os métodos padrões de pesquisa comuns na academia, ou seja, não se parte de um saber prévio, formado, fechado. Esse pressuposto implica um caráter de trabalho contínuo na pesquisa em psicanálise, fazendo-se essencial um questionar-se recorrente sobre os fundamentos, indagando os pressupostos e a construção dos conceitos e sua articulação no conjunto do corpo teórico (Lameira, Costa & Rodrigues, 2017).

“Assim, sublinhamos que o interesse do psicanalista ao propor uma pesquisa teórica, ainda que dirigida à produção de um saber que conte na matemática de artigos científicos, possui como bússola o saber inconsciente; saber que, quando levado em conta, operado pela causa do desejo, permite àquele que se coloca como pesquisador um deslocamento de sua posição inicial à produção de um objeto parcial, um objeto de desejo”. (Lameira, Costa & Rodrigues, 2017, p.70)

A pesquisa na universidade disponibiliza um espaço rico de revisões, indagações e construções através do entrelaçamento entre teoria e prática, embora, de acordo com Maesso, Lazzarini & Chatelard (2019) existam convergências e divergências quanto às funções às quais a psicanálise se propõe a desempenhar na academia, e ao que a universidade, enquanto instituição regida por uma política específica de organização

espera dos trabalhos produzidos em seu âmbito, as autoras defendem as interações nessa interface como proveitosas para ambos os lados.

3.1 Como a pesquisa foi realizada?

A opção pela construção de um questionário online (Anexo 2) para a coleta das narrativas foi motivada tanto pelo seu potencial de embasar e exemplificar, por meio das narrativas dos adolescentes, as proposições teóricas deste estudo, quanto pelas vantagens dessa metodologia. Entre elas, destacam-se o amplo alcance, o baixo custo, a economia de tempo na aplicação e a agilidade na análise dos dados (Michelon & Santos, 2022).

As plataformas digitais oferecem um vasto conjunto de recursos e ferramentas, entre os quais se destaca o Google Forms, amplamente utilizado no suporte a pesquisas no âmbito educacional e acadêmico. O Google Forms, conforme apontado por Monteiro e Santos (2019), é uma ferramenta que permite ao próprio usuário criar formulários, como questionários de pesquisa, de forma gratuita. A plataforma é didática e versátil, possibilitando o envio do link do questionário aos respondentes via e-mail ou redes sociais digitais, permitindo respostas a partir de qualquer local. Dessa forma, a escolha do Google Forms para conduzir a pesquisa mostrou-se ideal, considerando o objetivo de coletar o máximo de dados em um curto período e sem limitações geográficas para os participantes.

Esse instrumento foi desenvolvido com base no projeto *Violências e Psicopatologias na Contemporaneidade: Diagnóstico e Intervenção (VIPAS)* e nas diretrizes do documento *Orientações sobre Ética em Pesquisa em Ambientes Virtuais*, elaborado pela Fiocruz em 2020. Ele foi estruturado em duas seções: a primeira teve como objetivo coletar dados sociodemográficos para identificação e possíveis correlações, incluindo idade, gênero, estado de residência e tipo de ensino frequentado (público ou particular). Já a segunda parte, o questionário propriamente dito, foi composto

por 18 questões abertas e discursivas, permitindo qualificar a narratividade dos adolescentes ao abordar aspectos essenciais de suas percepções sobre si mesmos, o outro e a cultura.

Antes de ter acesso ao questionário, os participantes foram direcionados a um link divulgado nas redes sociais, onde deveriam ler o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e inserir o e-mail de um responsável (ver Anexo 1), caso concordassem e desejassem participar da pesquisa. Em seguida, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado, juntamente com o questionário oficial, ao e-mail do responsável, para que este autorizasse a participação do jovem. O questionário ficou disponível de 1º a 31 de agosto de 2024, e, aos interessados que forneceram o e-mail dos responsáveis, foram enviados dois convites e um lembrete para participação.

3.2 Quem participou da pesquisa?

Os critérios de participação incluíam ter entre 14 e 18 anos, ler o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e, caso houvesse interesse, fornecer o e-mail de um responsável para que este pudesse autorizar a participação e receber o acesso ao questionário. Dos 100 adolescentes interessados, 22 responderam ao questionário.

Estratégias de envio por e-mail podem apresentar desafios, como endereços desatualizados ou mensagens direcionadas para a caixa de spam, o que impede o recebimento em tempo hábil (Pedroso et al., 2022). Contudo, a nossa principal hipótese para a adesão final envolve a própria complexidade da adolescência em relação ao envolvimento dos responsáveis em seus interesses, o que pode levantar questões de exposição e comunicação. Mesmo diante de tais fatos, consideramos o número de participantes e as narrativas dos adolescentes relevantes para o objetivo do estudo.

Participaram da pesquisa 22 adolescentes de 14 a 18 anos, sendo que 54,5% dos adolescentes tinham de 14 a 15 anos.

Qual a sua idade?

22 respostas

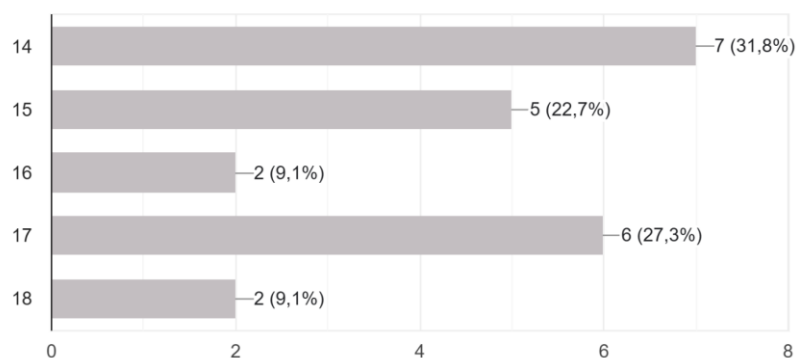


Figura 1: Idade.

Fonte: Questionário Google Forms.

Quanto ao gênero, 11 participantes se identificam como feminino, 10 como masculino, e 1 preferiu não declarar.

Qual tipo de gênero você se identifica?

22 respostas

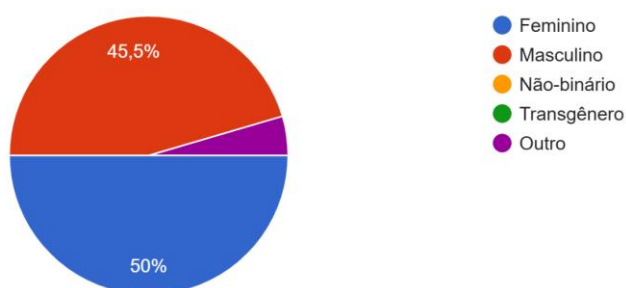


Figura 2: Gênero.

Fonte: Questionário Google Forms.

Em relação à rede de ensino, 9 estudam na rede particular e 13 na rede pública.

Você estuda em qual rede de ensino?

22 respostas

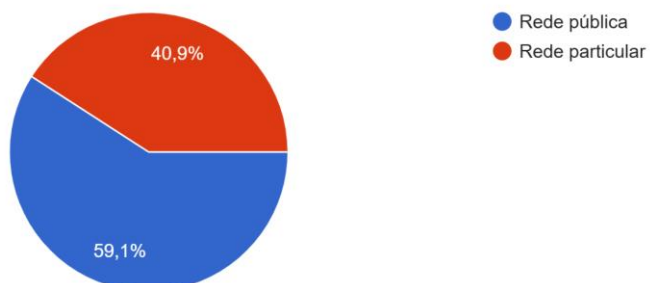


Figura 3: Rede de ensino.

Fonte: Questionário Google Forms.

Quanto ao estado de residência, último dado sociodemográfico solicitado, 9 participantes residem no Distrito Federal, 7 em Pernambuco, 3 em Goiás e 3 no Rio de Janeiro.

Você reside em qual estado brasileiro?

22 respostas

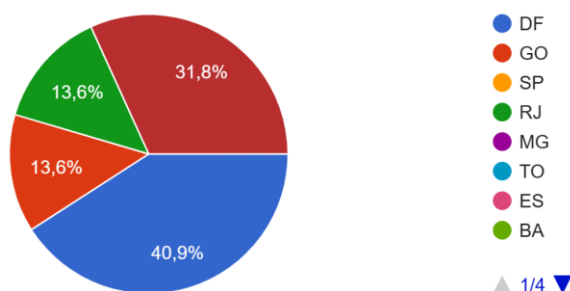


Figura 4: Local de residência.

Fonte: Questionário Google Forms.

3.3 Como foi realizada a análise das narrativas?

Uma abordagem dedutiva de análise foi adotada, fundamentada em referenciais teóricos previamente estabelecidos. Essa base teórica, detalhada anteriormente, orientou a formulação das 18 perguntas do questionário, elaborado em formato semi estruturado para assegurar que o conteúdo estivesse alinhado aos objetivos da pesquisa. As perguntas foram organizadas em torno de três grandes eixos temáticos: **O Eu adolescente**, **O Eu adolescente e o Outro**, e **O Eu adolescente e a Cultura**. Dentro de cada eixo, foram definidos temas e subtemas, todos atravessados pelo conceito psicanalítico de identificação, que funcionou como um fio condutor para articular os diferentes aspectos explorados. Essa estrutura pode ser melhor ilustrada por esse esquema abaixo:

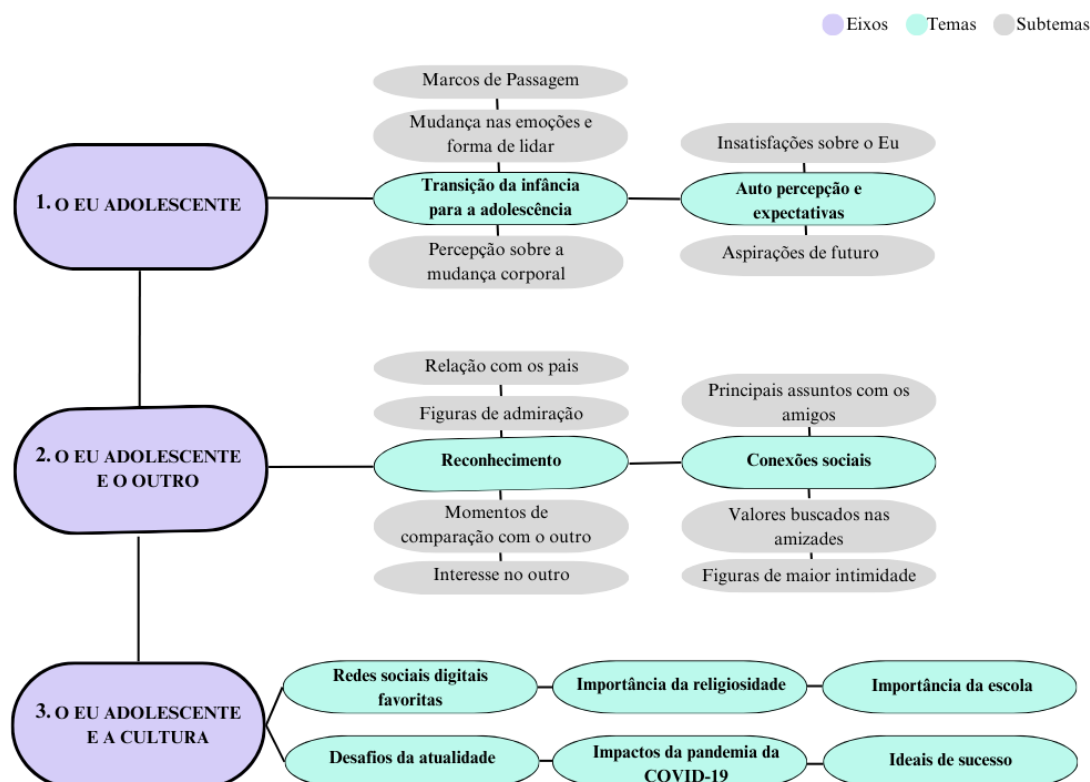


Figura 5. Eixos, temas e subtemas para construção do questionário

Fonte: Criação da autora

A análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (2011) foi considerada compatível com o objetivo do estudo, pois essa técnica é especialmente adequada à análise de coletas

textuais, permitindo identificar padrões e nuances discursivas, evidenciando como os temas e subtemas emergem nas narrativas. Além disso, sua flexibilidade teórica possibilita a articulação das narrativas e categorias com o arcabouço psicanalítico da pesquisa, favorecendo uma interpretação rica, fundamentada e alinhada ao objetivo de explorar as complexidades simbólicas e subjetivas do cenário atual.

Foi seguido as etapas da análise de conteúdo propostas por Bardin (2011): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Durante a pré-análise e a exploração, os dados foram cuidadosamente lidos, revisados e organizados. Na etapa de tratamento, as respostas foram segmentadas em unidades de análise e agrupadas em códigos que propiciaram a criação de categorias diante da diversidade e riqueza das narrativas em cada pergunta, permitindo a identificação de padrões e significados expressivos.

Na etapa de análise, as inferências sobre as categorias criadas foram embasadas na psicanálise e em seu arcabouço teórico-clínico, considerando os recortes específicos apresentados nos capítulos anteriores. Além disso, foram estabelecidas articulações relevantes com outros campos das ciências humanas, como a antropologia e a filosofia. Como destaca Sauret (2003), a pesquisa psicanalítica contribui para a inserção da psicanálise no laço social contemporâneo, contrapondo-se ao movimento de forclusão ao não se alinhar rigidamente aos ideais das ciências duras, sendo, portanto, também uma aposta política.

O trajeto da análise de conteúdo das narrativas, que possibilitaram as discussões que virão a seguir, pode ser melhor visualizado através desse outro esquema desenvolvido:

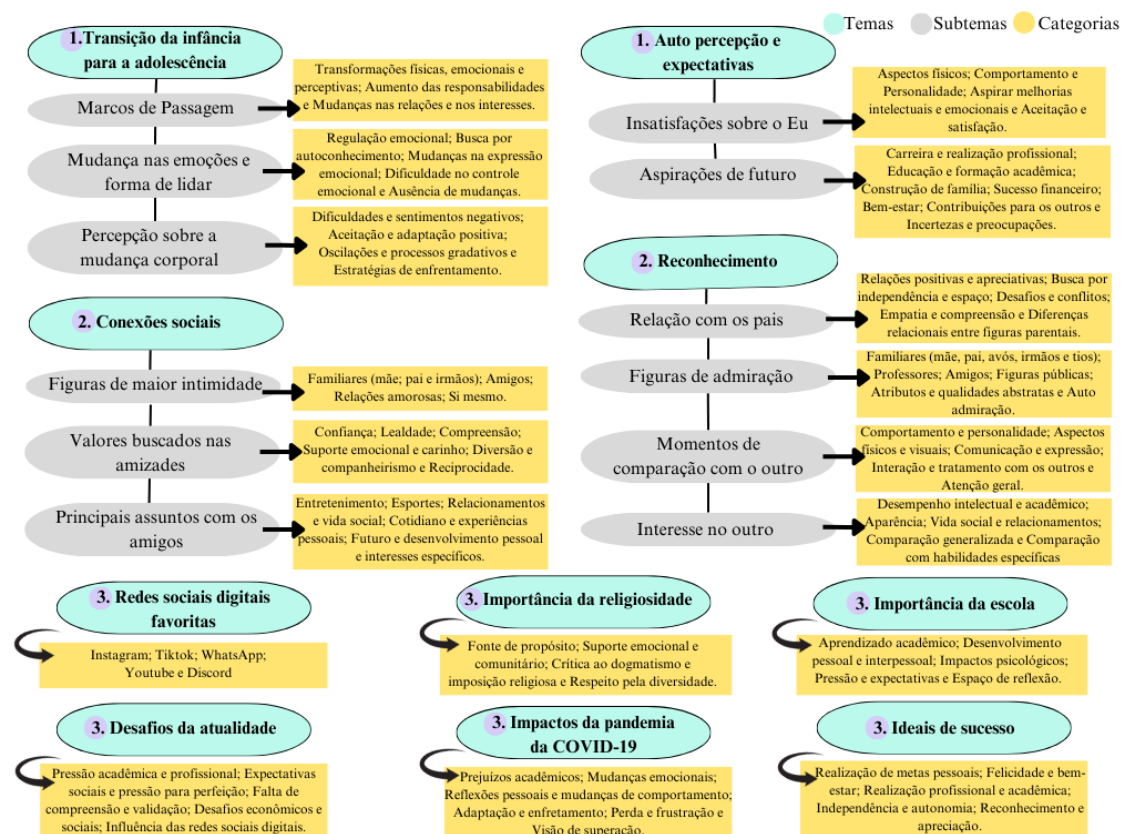


Figura 6: Temas, subtemas e categorias de análise das narrativas dos adolescentes participantes

Fonte: Criação da autora

Capítulo 4: A análise das narrativas dos adolescentes

4.1. O Eu adolescente: O processo de tornar-se outro sendo o mesmo

A transição da infância para a adolescência é marcada por eventos que, segundo Le Breton (2017), desempenham o papel de construir bases para novas identificações e promover o reconhecimento pelo Outro social. Diferentemente de sociedades tradicionais, que possuem rituais de passagem bem definidos, o autor argumenta que, na contemporaneidade, esses rituais têm se dissipado. Como consequência, ainda segundo o autor, o adolescente atual encontra-se exposto a limites cada vez mais fluidos e variados, onde predomina uma tendência individualista que enfraquece os marcos coletivos.

Os adolescentes participantes descreveram em suas narrativas que a **percepção da transição da infância para a adolescência** ocorreu para eles, principalmente, por meio das **transformações físicas** – como a *menstruação e as espinhas* (A1) e *os hormônios e transformações físicas* (A16). Segundo Gutton (2008), o corpo pubertário representa, por um lado, o que está sendo perdido da infância, mas, por outro, o que está sendo conquistado enquanto construção para a identidade adulta. Para ele, nesse novo encontro com a diferença sexual, não é apenas o corpo que muda, mas a experiência do próprio corpo, que passa a ser vivida em uma nova relação com o desejo do Outro.

Além das mudanças pubertárias, os adolescentes também destacaram **transformações emocionais e perceptivas**. Apesar de ainda necessitarem do suporte do Outro para sustentar seus desejos e aspectos da identidade enquanto Eu (Gutton, 2008), essas transformações estão intimamente ligadas ao processo de distanciamento das figuras parentais e à ampliação das conexões com novas referências sociais e culturais. Isso ficou claro nas narrativas, como por exemplo: *Quando tive que lidar com situações e sentimentos diferentes* (A15) e *Meu modo de perceber o mundo, vendo que as pessoas com quem convivia na minha infância não eram como eu as via* (A 11).

As **mudanças de interesse** também foram destacadas, como a diminuição das brincadeiras infantis e o aumento da preocupação com a aparência: *"Passei a brincar menos e cuidar mais da minha aparência"* (A1), e *"Fui perdendo o gosto pelas coisas que fazia quando criança"* (A12). Essas mudanças refletem a ruptura e luto pelas representações infantis, visto que a adolescência é um período de intensa fragmentação e reorganização psíquica, no qual o sujeito se confronta com o desejo, o corpo e o Outro, em um processo contínuo de construção de sua identidade. O adolescente já não é mais a criança que foi, mas ainda não é o adulto que será (Alberti, 2009).

Por fim, entre os marcos perceptivos de transição, as **transformações nas relações interpessoais** se destacaram como um elemento significativo. Observou-se que as novas exigências do grupo familiar, escolar e social exercem grande impacto na percepção de ruptura, sendo frequentemente associadas à demanda por maior "responsabilidade". Esse termo reflete o ideal contemporâneo de que, ao deixar de ser criança, espera-se que o sujeito adote comportamentos mais "adultos". As mudanças nas configurações familiares, assim como os imperativos de desempenho e exposição do Eu previamente mencionados, podem intensificar essa exigência, ampliando a experiência de angústia. Nas narrativas, isso se manifestou nas falas como: *As experiências das pessoas em minha bolha social e o tratamento que os outros tinham comigo* (A17) e *Quando as pessoas ao meu redor começaram a mudar suas palavras, dizendo o que eu não deveria vestir, o que eu não deveria falar, a maneira correta de agir e me portar de acordo com a minha idade (ou seja, mais séria e responsável)* (A19).

Diante disso, a refundação identitária na adolescência, conforme apontado por Rassial (2000), não se limita às mudanças corporais próprias do real pubertário, mas envolve principalmente as exigências impostas pelo discurso do Outro e a experiência da impossível relação sexual. Nesse contexto, como ressalta Le Breton (2017), o adolescente pode buscar refúgio em grupos, gangues ou até no isolamento. Além disso, pode recorrer a recursos tecnológicos ou a objetos como as drogas, explorando novas formas de prazer e referenciais para balizar seu Eu.

Nesse processo de transição, também foi questionado aos adolescentes sobre as **transformações na forma de lidar com as emoções** característico da adolescência, sendo marcado nas narrativas pelo **esforço em compreender os próprios sentimentos** como expresso a seguir - *Ocorreu uma maior Intensidade Emocional, Busca por Autoconhecimento, Aumento da Autoconsciência* (A7); *Eu acho que agora eu as entendo*

*melhor e por isso sei lidar com elas (A19) e Antes eu chorava mais e fazia um turbilhão na minha cabeça, hoje eu paro, respiro e penso se vale a pena o estresse ou o tempo, se valer, eu penso em como reagir, se não valer, eu ignoro (A18). E pelas **dificuldades em lidar com emoções intensas** - Sim, fico com raiva com facilidade, as vezes me isolo (A13). Fico com raiva muito fácil (A20).*

Nas narrativas analisadas, independentemente dos adolescentes considerarem ter maior autodomínio sobre suas emoções ou não, observa-se uma apropriação significativa das suas experiências internas. Acreditamos que esse fenômeno pode ser interpretado como um dos benefícios decorrentes da redução do estigma em torno da saúde mental, aliado também ao maior acesso à informação proporcionado pelas mídias e pelas interações sociais na contemporaneidade.

Nesse contexto, a relação com o outro e a transmissão de recursos simbólicos emergem como elementos centrais, podendo facilitar ou dificultar essas transformações, essa ideia é ilustrada pelos seguintes depoimentos: *Minha família nunca foi do tipo que estava aberta a certos tipos de conversas, o que só piorou com a morte do meu irmão" (A11) e Ao me tornar adolescente não, mas com o avanço do processo terapêutico sim (A21).*

Os questionamentos seguintes foram relacionados a **como lidaram com a mudança corporal e de imagem**. O corpo, como vimos até aqui, se torna verdadeiramente nosso apenas através do olhar e da ratificação do Outro. Na adolescência, o corpo é especialmente atravessado pelas transformações pubertárias e pelo surgimento de novos ideais.

As narrativas dos adolescentes revelaram que a adaptação às mudanças corporais e a nova imagem durante esse período é uma experiência complexa, influenciada por

diversos fatores, como autoestima, percepção pessoal, opinião social e apoio profissional.

Enquanto uma minoria dos adolescentes demonstrou aceitação e adaptação, uma parte apresentou grande dificuldade: *Drasticamente, mudei quase tudo pra em mim sinceramente (A18) e De forma geral muito mal, quando eu era criança não ligava muito para comentários em relação ao meu corpo mas ao passar do tempo esses comentários vieram me subindo a cabeça. No começo eu tentava experimentar vários tipos de roupas tentando achar um que me fazia sentir confortável em meu próprio corpo (A8).*

A angústia em relação ao corpo, conforme Lacan (1973), está ligada à incompletude da imagem corporal. O corpo do adolescente já não é mais o da infância, mas também ainda não se configura plenamente como um corpo adulto. Essa transição, marcada pela impossibilidade de uma identificação total com um corpo idealizado, gera uma angústia que o sujeito tenta apaziguar de diferentes formas. Além disso, os ideais culturais transmitidos intensificam esse desconforto. Como destaca Alberti (2009), o desejo de pertencimento e reconhecimento pelo grupo é essencial, mas traz consigo o medo da exclusão e da invalidação. Nesse cenário, o Outro social assume um papel ambivalente, funcionando ao mesmo tempo como espaço de conflito, afirmação e busca por aprovação.

Outros adolescentes expressaram **sentimentos de ambivalência**, oscilando entre momentos de satisfação e desconforto em relação ao próprio corpo, como por exemplo: *Oscilou muito a minha forma de lidar, às vezes eu gostava do que via, as vezes não (A8) e No início mal, mas com o tempo e ajuda profissional (ex. Dermatologistas, ortopedistas, e psicólogos) foi melhorando (A10).*

A busca por profissionais de saúde mental apareceu como uma alternativa recorrente nas narrativas analisadas. Esse fenômeno, como mencionado anteriormente,

pode estar associado ao aumento da visibilidade e dos debates sobre saúde mental nas mídias, especialmente nas plataformas digitais. Acreditamos que esses espaços favorecem a reflexão dos adolescentes sobre si mesmos e o mundo ao seu redor, incentivando a procura por suporte profissional de forma mais natural e menos atravessada pelos estigmas que marcaram gerações anteriores.

Por outro lado, essa busca também costuma partir dos responsáveis. Quando os pais levam um filho à análise, a demanda vai além do tratamento da criança ou do adolescente, refletindo, muitas vezes, aquilo que desejam para ele ou o que não conseguem elaborar em relação a ele. Essa demanda se insere em um campo de significantes familiares que moldam um desejo para o sujeito — desejo que nem sempre coincide com o seu próprio (Lacan, 1959-1960). Frequentemente, os pais enfrentam dificuldades para lidar com a crescente autonomia dos filhos, projetando sobre eles desejos próprios que permanecem não realizados. Assim, ao buscarem tratamento, Faria (2017) aponta que não estão apenas lidando com a dor do filho, mas também com a própria dor e a incerteza diante do processo de separação e diferenciação inerente à relação.

Além disso, no contexto dos ideais contemporâneos de imediatismo e performance, determinadas buscas podem ser compreendidas à luz do conceito lacaniano de "falta a ser" (1959-1960). Nesse cenário, a falta seria deslocada pelos pais para a figura do profissional de saúde mental, funcionando como uma tentativa de tamponar aquilo que sentem faltar não apenas nos filhos, mas também em si mesmos. Esse movimento reflete o desejo de evitar o confronto com as angústias que a falta estrutural suscita, transferindo a responsabilidade ou a ilusão de completude para um tratamento terapêutico.

Isso também se dá porque o jovem busca reconhecimento e vive a experiência de estar constantemente sob o olhar do outro, mesmo quando não haja uma fala ou uma demanda direta. A estima de si, que não é sustentada pelos valores unânimes que outrora estruturaram o laço social, tradicionalmente ancorados nos mais velhos ou na transmissão vertical (Le Breton, 2017), em vez disso, o jovem volta-se para seus pares — que, por sua vez, hoje estão também fragmentados em seguidores, curtidas, likes, trends e interações nas redes sociais digitais, que acaba sendo atualizado e reatualizado de maneira voraz.

De acordo com Kehl (2009), o desejo na contemporaneidade tem sido cada vez mais moldado pela lógica do consumo, pela busca de visibilidade imediata e pela constante necessidade de validação. Nesse contexto, ela alerta que o desejo tende a perder sua profundidade, reduzindo-se a uma busca superficial por status e pertencimento. Com isso, compreendemos que a aceleração do tempo e seus ideais interferem de forma significativa na construção do Eu adolescente tornando-o mais frágil e fixado no registro imaginário.

Em relação a essa temática, foi questionado aos adolescentes possíveis **insatisfação sobre si mesmos, a busca por mudanças na imagem corporal apareceu nas narrativas como uma preocupação central**, *mudaria majoritariamente coisas sobre minha aparência* (A15), que podem revelar um cenário comum de insatisfação na adolescência visto que integrar esse estranho em metamorfose nesse novo corpo pode gerar sentimentos de horror e dificuldade (Gutton, 2013), além do que, podemos observar que as insatisfações sobre a aparência expressadas estão intimamente ligadas a padrões de beleza valorizados na contemporaneidade, representados pelos signos “barriga”, “nariz”, “cabelo”, “físico”. Ou seja, compreendemos que não são exigências estéticas aleatórias, estas respondem, sob a regulação do discurso capitalista, a ideia do corpo como

um objeto que deve estar sempre à altura das demandas desses padrões específicos e consequentemente das necessidades do mercado.

Outra frequente insatisfação em relação ao Eu nas narrativas se deu relacionado a competências, habilidades pessoais e a personalidade, *Talvez, meu jeito de querer controlar tudo e ser sempre a liderança e minha grosseria (A9); O cérebro. Não fisicamente falando, e sim no sentido de inteligência e aptidão que são coisas relacionadas ao dia a dia de forma direta (A18),* que revelam mais um impacto da exigência de desempenho (Han, 2010) e espetáculo (Debord, 2003) na contemporaneidade para obter reconhecimento social, Han (2022) assinala que “a sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes, A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados” (p.25).

Esse desejo de reconhecimento também aparece relacionado à **como se imaginam no futuro**, as narrativas refletiram um misto de **otimismo** - *Um homem saudável com uma qualidade de vida boa (A13)* e **preocupação** - *Provavelmente tendo muita dificuldade, não faço muitas coisas hoje em dia que beneficiam o meu futuro (A16).*

Com os adolescentes vislumbrando futuros alinhados a conquistas acadêmicas - *Se formando na faculdade e conquistando minhas metas (A1),* **profissionais** - *Me imagino na faculdade de medicina veterinária em seguida casada com dois filhos e viajando o mundo (A20)* e **pessoais** - *Sendo rico, morando na área rural e tendo uma família e sendo feliz (A21).* Houve uma forte ênfase na formação acadêmica, na estabilidade financeira e na construção de uma família, enquanto alguns destacam a busca por saúde emocional e autoconfiança. As especificidades dessas expectativas estão em consonância com a identificação aos valores contemporâneos de sucesso e felicidade.

Quantos adolescentes não chegam a clínica angustiados com essas expectativas e quantos adultos não chegam justamente por não saberem lidar com a sensação de fracasso?

As expectativas contidas nas narrativas sobre o futuro respondem a ideais sociais que acabam por favorecer um Supereu sádico que exige e cobra a todo momento a satisfação desse gozo ilimitado, dando manutenção ao Eu ideal ao invés de um Ideal de Eu capaz de impulsionar o sujeito (Abeche, Araújo & Inada, 2003). Safatle (2017) aponta que a crise não estaria na falta de propósito, o que esses os adolescentes demonstraram ter claramente, mas a alienação do próprio “Eu” sem separação, não conseguindo mais se reconhecer senão através das imagens projetadas sobre ele.

4.2. O Eu adolescente e o outro: Dinâmicas de reconhecimento e construção de vínculos

A comparação, palavra que tem origem no latim *comparare*, formada por *com*, que quer dizer “junto”, e *parare*, que significa “fazer par, colocar lado a lado para observar as diferenças”, é um fenômeno que faz parte dos processos de vinculação e identificação. Especialmente no que tange ao olhar sobre as diferenças. Ela evidencia mais fragmentação no Ideal de Eu, por isso, para Lacan (1964) a identidade é, na verdade, uma construção imaginária que nunca irá ser verdadeiramente atingida.

Conforme evidenciado nas narrativas dos adolescentes os momentos mais mencionados nos quais eles se comparam com os outros referem-se a **contextos acadêmicos** - *Quando outras pessoas tiram notas mais altas que as minhas (A3)*, relativos à **imagem corporal** - *No Instagram, as vezes na praia ou em situações em que é preciso usar biquíni ou trocar (A9)* e **sociais** - *Principalmente em relacionamentos no sentido de que quando não dá certo você começa acreditar que não é suficiente e começa*

a ter inveja das pessoas que ficam com quem querem e você começa a se comparar e perguntar porque eu sou assim e não igual a ele (A5).

Apesar disso, uma pequena parcela de adolescentes demonstrou resistência ou indiferença a essas dinâmicas de comparação. Esse fenômeno reflete questões características das intensas mudanças e pressão de fatores externos, contudo, o sofrimento é potencializado diante das posições em que o Eu é projetado e cobrado na contemporaneidade, pois os discursos colocam o Eu adolescente a se culpar e a problematizar cada vez mais menos aspectos sociais e relacionais, porque afinal, o Eu tudo consegue, basta querer ou ter disciplina o suficiente!

Ao se comparar com o outro é preciso levar em conta as vicissitudes do Ideal de Eu construídos, **os adolescentes expressaram uma admiração majoritariamente voltada a pessoas próximas e influentes em seu círculo**, demonstrando a relevância do exemplo de resiliência e da inspiração de figuras familiares e educacionais, como nos relatos: *Admiro muito a minha mãe por sua bondade e vontade de sempre ajudar quem precisa (A11), Eu admiro minha avó, por ter superado todos os obstáculos, estereótipos e preconceitos, ter feito 3 faculdades e se tornado independente, podendo ajudar toda sua família e se sustentar sozinha (A16).*

A **valorização de figuras públicas estava alinhada à metas aspiracionais** - *Cristiano Ronaldo, quero ser que nem ele quando crescer (A18)*, enquanto casos de auto admiração e **foco em qualidades abstratas apontaram para construções específicas que têm influência das particularidades sociais, de gênero, culturais, econômicas e etc**, como podemos observar no relato: *Confiança, gosto de pessoa que são Confiantes que falam que vão fazer algo e conseguem àquilo, tipo o Romário na copa de 94 (A7).*

A maioria, pode ser algo específico desses adolescentes, **se mostrou ainda muito vinculada aos ideais e valores familiares**, onde o drama do desprendimento da autoridade parental descrito por Freud, aparece discretamente. Nessa direção, sobre o questionamento das figuras de maior intimidade em suas vidas, os participantes citaram os amigos e outras figuras, porém as narrativas revelam que os adolescentes sentem que são mais compreendidos por seus familiares e predominantemente por suas mães.

Não à toa para a psicanálise a figura materna e sua função são primordiais, não sendo vista apenas como um ser de cuidado, mas também como a primeira mediadora da linguagem e do desejo no processo de constituição do sujeito e do Eu. Malcher e Freire (2017) citando Lacan, sublinham que a função materna seria a de suscitar com seus cuidados e olhar a marca de um interesse particularizado que, singulariza a criança, retirando-a de seu anonimato, pelas suas faltas - sempre associadas ao desejo.

Esse aspecto está em consonância também nas descrições sobre a relação com os pais durante a adolescência, que foi marcada por uma combinação de afeto, desafios e crescimento. **Embora a maioria dos adolescentes tenha manifestado gratidão e satisfação em relação às suas conexões familiares** - *Eu me vejo muito bem, meus pais são pessoas muito compreensivas (A2), Me vejo uma pessoa sortuda, uma pessoa amada (A18), também demonstram uma busca por independência e espaço* - *Acredito que sou amigo dos meus pais mas de uma maneira mais leve não costumo contar tudo à eles (A4) e uma compreensão maior das diferenças geracionais* - *Tento entender as razões pelas quais eles agem da forma que agem, e pelas quais eles pensam da forma que pensam (A19).*

Entre esses adolescentes, a transição para a adolescência parece ter favorecido o desenvolvimento da empatia e da capacidade de lidar com conflitos de forma mais

resolutiva na relação com os pais. Esse fenômeno pode ser compreendido como resultado de uma combinação de fatores, incluindo a reconfiguração das relações com o Outro, característica desse período, marcada pela interação com novos significantes e figuras de autoridade (Lacan, 1964). Além disso, defendemos que as mudanças nos modelos familiares e as transformações nas dinâmicas de poder dentro do núcleo familiar também desempenham um papel fundamental nesse processo.

Giddens (1989) argumenta que as relações familiares contemporâneas tendem a ser mais igualitárias, baseadas na negociação entre os membros, em contraste com os modelos autoritários do passado. Essa transformação pode estimular uma maior empatia entre pais e filhos, uma vez que a comunicação aberta, a compreensão mútua e a busca por acordos se tornam expectativas cada vez mais presentes. À medida que os papéis familiares se tornam mais flexíveis e colaborativos, essas dinâmicas favorecem o fortalecimento dos vínculos e a construção de relações mais horizontais.

Sobre o interesse nas novas referências, fora do campo familiar, e **o que os instiga a se vincular com o outro, as respostas mostraram que os adolescentes avaliam uma combinação de aspectos como: comportamento, personalidade e comunicação ao observar outra pessoa.** Houve um foco significativo em atitudes como educação e autenticidade, porém o mais frequente foi a “forma” “o jeito” “a maneira” sinônimos que representam uma forte identificação não com a aparência, mas com o jeito de ser, de interagir – *O jeito que se comunica, se é uma pessoa simpática que conversa ao invés de só falar e não ouvir (A2), A forma de como ela age perto de outras pessoas... como lida com a vida (A20).*

Essas narrativas sugerem que a motivação para se interessar e se vincular a outras pessoas está mais relacionada as identificações baseadas na personalidade, no

comportamento e na postura, como formas de pertencimento. Esse formato se distancia dos ideais contemporâneos, que tendem a enfatizar a aparência física e as competências acadêmicas — aspectos que, conforme expressado anteriormente nas narrativas, frequentemente alimentam insatisfações pessoais e comparações com o outro.

Os adolescentes relataram buscar nas amigadas relações que ofereçam suporte emocional e segurança, além de momentos de diversão e companhia, porém **as qualidades fundamentais expressadas para formarem vínculos foram: lealdade, confiança e honestidade** - *Fidelidade, uma pessoa que vai estar comigo em todos os momentos e vai me defender sempre* (A4); *Lealdade e honestidade, além de fazer questão de estar com você* (A11) e *A capacidade de você poder conversar de tudo com a pessoa* (A17).

Nessas narrativas, observa-se uma necessidade latente de relações estáveis e recíprocas, capazes de oferecer suporte e contenção em um período marcado por intensas transformações e desafios como a adolescência. Além disso, destacam-se valores que se posicionam na contramão da temporalidade contemporânea — caracterizada pela descartabilidade e pela liquidez das relações, conforme descrito nas análises sociais de Bauman (2002). Essa busca pode ser vista como uma estratégia de defesa contra a efemeridade que caracteriza os laços sociais na contemporaneidade. Tais relações parecem funcionar como uma proteção ou âncora existencial, proporcionando um senso de pertencimento, previsibilidade e apoio, e oferecendo estabilidade em um contexto externo marcado pela volatilidade.

Sobre os **principais assuntos que trocam com seus amigos**, as falas refletiram uma variedade de interesses, que vão desde **entretenimento e cultura pop até conversas sobre o futuro**. Além de temas que lhes proporcionam uma combinação de conexão

emocional, diversão e exploração de identidade. As discussões sobre esportes, relacionamentos e vida cotidiana se mostraram fundamentais para os adolescentes, por meio dessas trocas eles podem buscar compreender melhor a si mesmos e o mundo ao seu redor, tanto através de suas próprias experiências quanto com a troca com seus semelhantes.

4.3. O Eu adolescente e a cultura: Percepções e efeitos

As interações sociais dos adolescentes são fortemente influenciadas pelo ambiente familiar e escolar. No entanto, as redes sociais digitais se destacam como uma das principais formas de troca e comunicação na atualidade. **As narrativas analisadas indicam que os adolescentes tendem a preferir plataformas que oferecem entretenimento dinâmico e visual, como Instagram e TikTok.** Curiosamente, essas redes são conhecidas pelo alto nível de exposição pessoal e identitária, o que pode estar em ressonância com o fenômeno descrito por Le Breton (2017) como comunicação "fática", na qual o objetivo principal é manter o contato e a presença, enquanto o conteúdo da mensagem se torna secundário.

Além disso, ambas as plataformas operam por meio de algoritmos que priorizam a exibição de conteúdos alinhados às interações do usuário, restringindo o acesso a perspectivas diversas e limitando a exposição a informações que escapam dos seus interesses imediatos. Esse processo pode reforçar o que já discutimos sobre a negação do outro em sua alteridade, uma vez que a experiência digital tende a ser moldada por bolhas de filtragem que reduzem o confronto com diferentes visões de mundo.

Ao mesmo tempo, esse cenário se mostra um prato cheio para a comparação constante e a espetacularização de si e do outro. A lógica dessas redes incentiva a construção de uma imagem idealizada, muitas vezes distante da realidade cotidiana, intensificando sentimentos de inadequação e reforçando padrões inatingíveis. O adolescente, que já se encontra em um período de intensa reorganização identitária, passa a medir seu valor a partir da validação externa, inserindo-se em um ciclo onde a exposição da própria vida se torna, paradoxalmente, tanto um meio de reconhecimento quanto uma fonte de angústia.

“O terror do igual abrange hoje, todas as esferas da vida. Viajasse para todos os lugares, sem se ter uma experiência. Tornamos nos familiares, contudo, sem chegarmos a um conhecimento. Acumulamos informações e dados, sem se chegar a um saber. Cobiçam se vivências e estímulos, nos quais, porém, se permanece sempre igual a si mesmo. Acumulam-se Friends e Followers, sem nunca se encontrar com outro. Mídias sociais representam um estágio de atrofia do social.” (Han, 2022, p. 10)

Os adolescentes também citaram plataformas como WhatsApp e Discord, que segundo eles, são essenciais para comunicação mais pessoal e íntima. Embora o consumo de conteúdo seja, em grande parte, voltado ao entretenimento, alguns adolescentes apontaram também buscar nas redes sociais digitais informações sobre temas variados, como psicologia, comportamento humano e educação, demonstrando um uso multifacetado das plataformas digitais.

Ou seja, o acesso às redes sociais apresenta um duplo potencial: por um lado, possibilita novas referências, oportunidades de aprendizado e a construção de amizades; por outro, pode impulsionar a alienação a ideais culturais e ao que Soares e Stengel (2019)

denominam “prática amical”, caracterizada pela fluidez e mobilidade dos vínculos. Essa forma de relação pode favorecer laços lúdicos e voltados para fins específicos, mas, quando marcados pelo excesso e pela virtualidade, podem se tornar conexões ansiogênicas e opressivas.

Segundo os autores, “são laços que têm potencial massificador ou instrumentalizador. O sujeito pode utilizá-los tanto para seu apagamento e assujeitamento quanto para a criação de saídas inventivas e singulares na construção de si e dos seus laços sociais” (p.219). Diante desse cenário, o uso crítico das redes e o acompanhamento por figuras de autoridade tornam-se essenciais para mediar esses impactos.

Em contraste com a geração anterior, para a qual ter uma religião era frequentemente um dado cultural dominante, os adolescentes de hoje encaram essa questão como uma escolha pessoal, fundamentada em diversas razões para adotá-la ou rejeitá-la. Enquanto alguns valorizam a religião como fonte de fé, propósito, suporte emocional e orientação moral, outros argumentam que a espiritualidade não precisa estar vinculada a instituições, ressaltando que a fé pode ter um significado mais relevante do que a religião em si.

Houve uma crítica significativa à imposição religiosa, onde a maioria defendeu a liberdade de escolha, respeitando as crenças de cada um, como pode-se observar no interessante relato: *Considero importante para aqueles que precisam de esperança ou de um propósito a mais na vida, mas sou totalmente contra escolher religião pelos filhos e crianças que ainda não tem noção do que estão seguindo. Acho que religião pode se comparar (apenas nesse quesito) à um furo na orelha, que o jovem poderá decidir assim que aprender a pensar por si só, e assim que tiver poder de escolha sobre a própria vida e corpo. Acho que não é necessário ter uma religião única, para ter fé, algo que é importantíssimo* (A10).

O questionário também abordou **a importância da escola na vida dos adolescentes, e a análise evidenciou seu papel central tanto no desenvolvimento intelectual quanto no social.** Como destacou um participante: "A escola é importante para o aprendizado em todas as coisas, como a convivência entre as pessoas, aprender matérias novas, fazer coisas novas, etc." (A1). Essa fala ilustra como a inserção no contexto escolar vai além da simples transmissão de conhecimento, configurando-se como um espaço de construção de laços e de novas possibilidades identificatórias.

Apesar de as tecnologias estarem cada vez mais presentes e atuarem como mediadoras das interações, Gurski e Pereira (2016) destacam que a escola continua sendo o principal espaço onde se dá a transição do Outro familiar para o Outro social. Nesse contexto, o adolescente constrói seu lugar de enunciação enquanto desconstrói e ressignifica referências e significados. Além disso, conforme apontam Pena e Silva (2018), a escola pode tanto reforçar a alienação, quando adota práticas pedagógicas autoritárias e padronizadas, quanto promover a separação, ao incentivar o pensamento crítico e a autonomia do sujeito.

Esse papel, contudo, mostrou-se ambíguo, abrangendo tanto experiências positivas, como a formação de amizades e o aprendizado - "Imensa, melhorou muito minha socialização (principalmente no ensino médio) e meu jeito de lidar com tudo" (A10).

Freud, em uma conferência em 1914, já apontava que, além da relação vertical com os professores, a escola representa um espaço fundamental para a atualização das experiências fraternas, isto é, para a construção de vínculos horizontais com os colegas. Nesse sentido, Kehl (2000) argumenta que, na adolescência, a formação de "fratrias" entre semelhantes cumpre, em um primeiro momento, a função de operar a função paterna, uma vez que a aliança entre os "irmãos" – simbolicamente representada pelo "assassinato do

pai" – se articula aos valores culturais. Posteriormente, à medida que essa aproximação passa a incluir a diferença, sem se restringir à formação de um grupo homogêneo, a fratria adquire um papel crucial: questionar o caráter arbitrário das autoridades, sem necessariamente romper com as leis da cultura.

Nesse contexto, segundo Kehl, pode ocorrer uma "reescritura do pacto civilizatório", promovendo mudanças no campo simbólico e resgatando o caráter coletivo da organização social – um aspecto que, de acordo com a autora, foi recalcado nas sociedades contemporâneas devido à ênfase crescente no individualismo.

A percepção do papel da escola também apresentou outra faceta, coexistindo também com aspectos negativos, como pressão emocional - *Me faz mal, pela pressão de sempre ter que ir bem em diversas atividades* (A5) e **distúrbios psicológicos** - *Contribuiu muito no desenvolvimento do meu quadro depressivo, e continua* (A21). Nesse sentido, surgiram também críticas ao sistema educacional, especialmente em relação aos métodos de ensino e sua pressão excessiva sobre os alunos.

Essas narrativas sugerem que a escola, enquanto instituição, não está isenta das dinâmicas presentes nas trocas relacionais e culturais, funcionando, muitas vezes, como um canal de transmissão das exigências impostas pelos discursos sociais. No entanto, como aponta Zimmerman (2003), a existência de conflitos no ambiente escolar é algo natural e esperado, não devendo, por si só, ser motivo de preocupação. O verdadeiro problema, segundo o autor, ocorre quando a instituição não disponibiliza espaços adequados para que essas questões possam ser discutidas e refletidas coletivamente.

Diante dos desafios impostos pelas transformações nas relações interpessoais, pelo avanço tecnológico e por questões sociais, raciais e econômicas, muitas escolas

acabam não priorizando – ou falhando em alinhar – seus valores e cronogramas a práticas que realmente contemplem essas demandas.

Enfim, retomamos as palavras de Freud (1937), que coloca o educar, ao lado do psicanalisar e do governar, como um ofícios impossíveis. Vale refletir sobre o estatuto desse impossível na relação dos adolescentes com a escola hoje. Para Freud, o educar é impossível justamente porque nunca se realiza plenamente segundo um ideal. Sempre haverá, no sujeito, algo que resiste à total assimilação do que é transmitido, assim como sempre existirá um saber singular daquele que aprende — um saber que transforma, ressignifica e reinventa aquilo que lhe foi ensinado.

Ainda sobre o contexto escolar, a necessidade de distanciamento físico e a redução das atividades presenciais devido à pandemia de COVID-19 impactaram profundamente a rotina e a formação dos estudantes. **Quando questionados sobre os efeitos desse período em suas vidas, os adolescentes destacaram, principalmente, o prejuízo acadêmico e o isolamento social como os maiores desafios enfrentados.**

Durante a pandemia, as redes sociais digitais assumiram um papel de relevância sem precedentes para toda a população, especialmente para os jovens. A conexão online foi descrita por eles como um amortecedor dos impactos da crise, proporcionando interação e acesso à informação. No entanto, o uso excessivo dessas plataformas, sobretudo em tempos de incerteza, pode intensificar o estresse e a ansiedade (Garfin, Silver & Holman, 2020). Nesse sentido, o ambiente digital revelou-se simultaneamente como uma ferramenta valiosa para comunicação e difusão de conhecimento e como um fator de risco, potencializando prejuízos decorrentes do excesso de exposição e da dependência tecnológica.

Essa nova realidade e os dados apresentados exigem uma atenção redobrada por parte das figuras de autoridade, não apenas em relação ao conteúdo acessado, mas principalmente à frequência de uso. Como aponta Levisky (2013), as tecnologias e a virtualidade estão cada vez mais concretizando o imaginário, aproximando-se da realidade por meio de recursos tridimensionais e múltiplos estímulos sensoriais. Esse envolvimento intenso captura os jovens, mantendo-os conectados por longos períodos, o que pode resultar em isolamento, dificuldades para lidar com a frustração e desafios nas interações com o outro. Além disso, é importante retomar o alerta de Han (2022) sobre o excesso de positividade nesse ambiente, que intensifica a homogeneização e a negação da alteridade, resultando no que ele denomina "o inferno do murmúrio do igual".

Além desses, também se destacaram como desafios as dificuldades emocionais como “fobia social”, “ansiedade” e “isolamento”. O estudo de Martins et al. (2024) concluiu que os principais impactos do isolamento social durante a pandemia da COVID-19 na saúde de crianças e adolescentes concentraram-se na esfera psicológica, tanto no surgimento de novos sintomas, quanto na exacerbação de transtornos preexistentes. Além disso, o acesso limitado aos serviços de saúde comprometeu a continuidade de tratamentos adequados, agravando ainda mais a vulnerabilidade desses jovens, até porque nem todos tinham condições ou se adaptaram aos recursos online que começaram a ser disponibilizados.

Por fim, os impactos desse período foram profundos na vida dos adolescentes participantes, muitos citaram a importância de se adaptar, **ênfatizando efeitos perceptivos reflexivos** - *Me fez valorizar mais os momentos da minha vida e aproveitar a minha vida da melhor forma (A4)*, **mas também efeitos negativos** - *Muito ruim, me impactou em um momento da minha vida onde eu tinha que aprender muitas coisas importantes para minha vida cujo nunca consegui completamente adquirir, piorou o meu*

sedentarismo e o medo de falar com pessoas (A9), em relação a isso Martins et al. (2024) ressaltam que não só afecções psíquicas foram identificadas, “mas também diminuição na prática de exercícios físico, que viabilizam comportamentos sedentários, os quais posteriormente podem trazer consequências extremamente negativas para saúde cardiovascular das crianças e adolescentes” p.9.

A intensidade desses impactos está relacionada a uma série de fatores, como idade, suporte familiar e social, condições socioeconômicas, problemas de saúde pré-existent e experiências de perda (ou sua ausência) (Binotto, Goulart & Pureza, 2021), além dos recursos disponíveis para enfrentar coletivamente um momento tão traumático. Diante disso, pesquisas futuras que explorem esses aspectos de forma mais específica podem ser essenciais para uma compreensão aprofundada dos efeitos a longo prazo.

O questionamento seguinte abordou **os desafios impostos pela sociedade atual aos adolescentes. Entre os desafios mais recorrentes, destacaram-se as pressões acadêmicas e sociais, além das exigências para alcançar sucesso em diferentes áreas da vida, como a escolha da carreira, a pressão financeira e a necessidade de se adequar aos padrões sociais** – fatores que frequentemente geram ansiedade e insegurança.

Atualmente, a variedade de profissões aumentou significativamente, e a carreira deixou de ser uma extensão direta da formação acadêmica. A exigência de escolher uma profissão tornou-se cada vez mais precoce, não apenas por sua função prática, mas porque passou a ser vista como parte da identidade e realização pessoal. No entanto, essa valorização da carreira como um elemento central da identidade também a torna uma referência instável, com modelos identificatórios cada vez mais difusos e menos ancorados nas características tradicionais das ocupações.

Soma-se a essa questão a incerteza quanto ao próprio trabalho, que deixou de ser uma garantia para todos os que concluem o ensino médio, a escola técnica ou a faculdade, dado o descompasso entre o número de formados e as vagas disponíveis no mercado e as exigências para cada cargo, criando para os adolescentes um cenário ainda mais desafiador (Nascimento & Gonzales, 2015), que pode gerar mais idealizações ou sentimento de desesperança.

Diretamente ligados a esses desafios, os adolescentes foram questionados sobre o conceito de sucesso. **Para eles, o sucesso é uma combinação de realização pessoal, profissional e social, sendo definido, sobretudo, pela busca da felicidade, da autonomia, do reconhecimento e da capacidade de impactar positivamente os outros.** Embora conquistas materiais tenham sido valorizadas, a realização dos sonhos e a satisfação pessoal se destacaram como os principais indicadores de uma trajetória bem-sucedida.

Os ideais que determinam o que significa ser "bem-sucedido" variam de acordo com a história e os valores de cada família, mas, de maneira geral, os dados evidenciam que o Eu é constantemente demandado a se inserir no laço social e ser reconhecido - performar, consumir e gozar! E conseqüentemente, como vimos, fracassar.

Zizek (2009) ao falar sobre a relação da moral do gozo e da culpa generalizada causada por ela, diz que uma das questões que se problematizam na atualidade refere-se ao fato de o sujeito não conseguir gozar o suficiente frente à demanda que lhe é dirigida. Ou seja, a expectativa na atualidade é de que o Eu desfrute de uma vida sempre feliz, assim, de modo paradoxal, o prazer em si se transforma em um dever, gerando um impasse no processo identificatório na adolescência atual.

Além de ser um dever, esse imperativo não se estabelece de forma aleatória; ele é regido por signos e significantes específicos que devem ser seguidos para garantir, supostamente, o devido reconhecimento. Nesse sentido, as particularidades dos discursos culturais contemporâneos, evidenciadas tanto na literatura quanto nas narrativas dos adolescentes, convergem para uma tentativa de tamponamento da falta estrutural do Eu/sujeito dividido.

Esse fenômeno se sustenta, em grande parte, a partir da construção de um imaginário cultural que apresenta a falta como um fracasso, como algo a ser suprido—geralmente por meio do consumo de produtos, serviços ou conhecimentos que circulam no mercado e nas redes—reforçando a ilusão de completude e perpetuando uma sensação de inadequação constante, pois o sujeito, ao perceber que nunca consegue alcançá-la, especialmente de forma padronizada e idealizada, cai em ciclos de angustias e expressões sintomáticas para tentar dar conta do que, por essência, não pode ser plenamente resolvido.

Considerações finais

O desafio central de todo sujeito é encontrar formas de se representar no laço social. Essa questão torna-se particularmente intensa na adolescência, momento em que, ao deixar o mundo da infância, o jovem necessita de referências que atribuam valor a seus atos e palavras diante do Outro social (Gurski & Pereira, 2016). A dose dessa garantia depende tanto da história das relações infantis do sujeito quanto da forma como a cultura na qual ele está inserido trata os valores simbólicos. Isso ocorre porque os sentidos são construídos a partir dos códigos que cada tempo cultural define como lugares de produção.

Ao analisar a literatura e as narrativas, buscando compreender as formas de identificação oferecidas pela contemporaneidade aos adolescentes, percebe-se que o Eu na adolescência é marcado por transformações não apenas pubertárias, mas sobretudo relacionais. Essas mudanças geram tensionamentos específicos nos processos de identificação e na construção do senso de identidade. Como destaca Lacan (1949), o sujeito está sempre em busca de uma reconciliação com a imagem refletida no espelho. No entanto, as possibilidades de alcançar essa unidade ilusória dependem fundamentalmente da relação com o Outro e das influências culturais que o atravessam.

As análises indicam que as tentativas de alcançar essa ideia de unidade estão fortemente permeadas por uma lógica narcisista, na qual o Eu é convocado a se alienar em ideais de gozo ilimitado, desempenho e espetáculo. Esses aspectos se manifestaram nas narrativas dos adolescentes por meio de insatisfações excessivas em relação à aparência física e ao intelecto, além de ideais de sucesso e preocupações com o futuro—particularmente no que diz respeito à formação acadêmica, realização profissional e estabilidade financeira—como condições para uma vida plena (sem faltas). A presença constante nas redes sociais digitais, especialmente naquelas baseadas em vídeos e imagens breves, também contribui para a intensificação desse fenômeno, potencializando a comparação, o excesso de positividade e, conseqüentemente, a negação do outro.

No que se refere à relação e identificação com o outro, observa-se, de forma surpreendente, um movimento contrário aos discursos contemporâneos dominantes apresentados na pesquisa. Isso evidencia não apenas o fato do adolescente não se encaixar plenamente nos discursos, mas também seu potencial para revelar tanto problemáticas do laço social quanto defesas e saídas para elas. A admiração por figuras próximas, como mães e avós, ressalta a importância de modelos de resiliência e superação. Embora figuras públicas sejam valorizadas por suas trajetórias aspiracionais, os adolescentes

demonstraram uma conexão mais forte com os valores familiares, sugerindo uma transição sutil em relação ao drama do desprendimento parental descrito por Freud. Além disso, em sintonia com as transformações nas relações familiares contemporâneas—marcadas por maior horizontalidade e negociação—a empatia e a compreensão dos adolescentes em relação às suas figuras de autoridade e suas diferenças se apresentou como uma possibilidade frequente.

Fora do núcleo familiar, os adolescentes demonstraram priorizar vínculos fundamentados na personalidade e no comportamento, valorizando autenticidade, lealdade e honestidade em detrimento da aparência ou das conquistas acadêmicas—estas últimas, por outro lado, sendo idealizadas e exigidas para si mesmos. Além disso, manifestaram resistência aos ideais contemporâneos de descartabilidade e liquidez nas relações, conforme descritos por Bauman, ao expressarem preferência por laços sólidos e recíprocos, o que pode ser interpretado também como uma forma de defesa diante das transformações nas maneiras de se relacionar com o outro.

As redes sociais digitais são amplamente utilizadas por eles e possuem uma função essencial em suas interações. Plataformas visuais e dinâmicas, como Instagram e TikTok, são preferidas devido à ênfase na exposição pessoal e na comunicação "fática" (Le Breton, 2017). Esses espaços facilitam trocas identitárias fluidas e temporárias, alinhando-se ao fenômeno das "práticas amicais" (Soares & Stengel, 2019), caracterizadas por laços instáveis, potencialmente ansiogênicos, mas também repletos de oportunidades inventivas para a construção de si. A troca e comunicação nos laços já construídos e considerados por eles mais íntimos ficam centralizados nos aplicativos Whatsapp e Discord.

A escola surgiu como um espaço fundamental para o desenvolvimento intelectual e social, funcionando como mediadora entre o Outro familiar e o social (Gurski & Pereira, 2016). No entanto, o ambiente escolar apresenta ambiguidades: enquanto promove identificação horizontal (fraterna) e pensamento crítico, também pode ser uma fonte de pressão emocional e alienação, especialmente em contextos autoritários. Durante a pandemia, a interrupção das atividades presenciais agravou desafios, sobretudo acadêmicos, mas também emocionais, exacerbando distúrbios psicológicos em muitos adolescentes. Ao mesmo tempo, esse período intensificou o uso das redes sociais digitais como ferramentas de conexão com o outro.

No âmbito da religiosidade, observou-se uma transição de uma visão institucionalizada para uma abordagem mais crítica e reflexiva, com ênfase na liberdade de escolha e no respeito às crenças pessoais. Esse movimento ilustra uma flexibilização das referências tradicionais de identidade.

Além disso, as pressões acadêmicas e profissionais tiveram um papel central na formação das identificações juvenis. Os adolescentes enfrentam expectativas sociais intensas quanto ao desempenho escolar, à escolha profissional e à busca por estabilidade financeira. Gerando assim, tensões que impactam diretamente o senso de identidade, uma vez que o jovem é convocado a corresponder a padrões elevados de produtividade e performance, ao mesmo tempo em que busca afirmar sua singularidade. As narrativas analisadas revelam preocupações recorrentes com o futuro, como a pressão para ingressar em universidades renomadas ou alcançar sucesso profissional rápido, criando angústias relacionadas ao medo do fracasso.

Com isso, essas demandas estão em consonância com uma lógica individualista e competitiva, intensificada pela constante comparação entre pares. Inicialmente restrita a

círculos mais próximos, como a escola e a família, essa comparação expandiu-se para uma escala macro com a ascensão das redes sociais digitais, onde a exposição e a espetacularização amplificam ainda mais o imaginário. O impacto dessas pressões se manifesta em sentimentos de inadequação e insatisfação, evidenciados nos relatos sobre a dificuldade de conciliar expectativas.

Ao mesmo tempo, alguns adolescentes demonstram uma percepção crítica dessas exigências, reconhecendo sua origem nos discursos culturais e questionando a veracidade desses padrões. Essa consciência crítica pode ser interpretada como um esforço para resistir à alienação gerada por essas pressões, apontando a possibilidade de reinterpretarem e ressignificarem as demandas do mundo contemporâneo em seus processos de identificação.

Em síntese, as identificações na adolescência contemporânea são atravessadas tanto pela alienação aos discursos culturais analisados neste estudo quanto pela busca de autonomia, refletindo a tensão entre liberdade e exigências externas. As redes sociais digitais, a escola e as transformações culturais atuam como espaços de negociação dos significados identitários, simultaneamente oferecendo recursos para a construção de si e impondo obstáculos que reforçam a alienação, gerando angústias associadas ao não cumprimento de padrões e expectativas.

Dessa forma, esta pesquisa apresenta dados de grande relevância não apenas para estudiosos da adolescência, mas especialmente para psicanalistas que investigam e/ou atendem sujeitos adolescentes em suas clínicas. Ao analisar a relação entre o Eu e o Outro e as influências da cultura contemporânea, torna-se evidente que a compreensão do sujeito — seja no contexto clínico ou fora dele — não pode se limitar a uma perspectiva individualista. É imprescindível considerar a complexidade das interações simbólicas e

das dinâmicas históricas que atravessam cada sujeito, bem como os impactos nos três registros psicanalíticos que estruturam a percepção da realidade: o real, o simbólico e o imaginário.

As narrativas analisadas nesta investigação abrem caminhos para novos estudos com recortes mais específicos, seja em relação a gênero, faixa etária, estudos de caso ou aprofundamentos em diferentes conceitos teóricos. Essa expansão contribui para o constante aprimoramento do campo, permitindo diferentes compreensões e criação de novos paradigmas.

Embora a psicanálise não tenha como foco necessariamente o bem comum, ela se constitui como uma práxis, uma ética e um discurso que possibilita o resgate do sujeito enquanto desejante. Como discurso, opera a partir do não saber, permitindo a emergência do sujeito dividido e promovendo o deslocamento de identificações alienantes sustentadas por significantes-mestres. Nesse movimento, viabiliza a percepção do espaço compartilhado como um campo de investimentos ambivalentes, onde a falta pode ser trabalhada em vez de tamponada. Assim, além de sua intervenção no nível individual, a psicanálise desestabiliza discursos culturais dominantes, criando condições para que o sujeito se repositicione diante das exigências contemporâneas de maneira menos sintomática.

Ratifico, assim, a visão de Matheus (2020) sobre a posição do analista se aproximar da do poeta, pois ambos não se satisfazem com o que é superficialmente aceito ou tolerado pelos outros, e, por meio de sua arte, criam um espaço onde a angústia, que todos buscam evitar, pode se manifestar. O analista, ao se utilizar de suas próprias angústias, busca dar vida e expressão ao repertório simbólico disponível, que representa o que é mais viável para o ser humano. A diferença entre os dois reside no fato de que,

enquanto o poeta se expressa a partir de seu próprio gesto e palavra, o analista tem o objetivo político de proporcionar ao outro a possibilidade de explorar e elaborar suas próprias angústias.

Referências

Abeche, R. P. C., Araújo, J. S., & Inada, J. F. (2003). Os percalços enfrentados pelos adolescentes na construção da subjetividade na contemporaneidade. Em seminário intitulado “Ética e Política: fundamentos teóricos” apresentado nos dias 20 e 21 de novembro de 2003, em Maringá-Pr.

Alberti, S. (2004). *O adolescente e o Outro* (2ª ed.). PAP - Psicanálise. Zahar.

Alberti, S. (2009). *Esse sujeito adolescente* (3ª ed.). Contra Capa.

Antonelli, C. M., & Gagliotto, G. M. (2020). Mal-estar, laço social e adolescência contemporânea: Uma perspectiva psicanalítica para a educação. *III SENPRE - Seminário Nacional de Pesquisa em Educação*.

Ayub, R. C. P., & Macedo, M. M. K. (2011). A clínica psicanalítica com adolescentes: Especificidades de um encontro analítico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(3), 582–601. <https://doi.org/10.1590/S1414-9893201100030001>

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Editora Almedina.

Bauman, Z. (2002). *Modernidade líquida* (P. Dentzien, Trad.). Zahar. (Obra original publicada em 2000).

- Bernardes, A., & Guareschi, N. (2004). A cultura como constituinte do sujeito e do conhecimento. In M. Strey, S. Cabeda, & D. Prehn (Orgs.), *Gênero e Cultura: Questões contemporâneas* (pp. 199–222). EDIPUCRS.
- Betts, A. J. (2004). Sociedade de consumo e toxicomania: Consumir ou não ser. *Revista da Associação Psicanalítica da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 26.
- Binotto, B. T., Goulart, C. M. T., & Pureza, J. da R. (2021). Pandemia da COVID-19: Indicadores do impacto na saúde mental de adolescentes. *Psicologia e Saúde em Debate*, 7(2), 195–213. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V7N2A13>
- Birman, J. (2004). O excesso e ruptura de sentido na subjetividade hipermoderna. In *Os sentidos do corpo* (pp. 175–196). *Cadernos de Psicanálise*, 26(17).
- Birman, J. (2020). *O sujeito na contemporaneidade: Espaço, dor e desalento na atualidade* (4ª ed.). Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2024). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação* (17ª ed.). Civilização Brasileira.
- Borges, J. A., Nakamura, P. M., & Andaki, A. C. R. (2023). Alta prevalência de ansiedade e sintomatologia depressiva em adolescentes na pandemia da COVID-19. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 27, 1–8. <https://doi.org/10.12820/rbafs.27e0287>
- Canavêz, F., & Câmara, L. (2020). O laço social contemporâneo a partir da experiência adolescente. *Estilos da Clínica*, 25(2), 264–279. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i2p000264-279>
- Crespin, C., de Souza, M. R. M., & Jesus, L. M. (2016). O ensino superior na contemporaneidade: Cenários e desafios. *Revista CONTEXTOS*, 8(14), 56–72.

Faria, M. R. (2017). *Introdução à psicanálise de crianças: O lugar dos pais*. Toro Editora.

Freud, S. (1892). Caso 5 - Srta. Elisabeth von R. In *Estudos sobre a histeria* (pp. 161–205). Imago, 1996.

Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das obras completas* (Vol. VII, pp. 123–256). Imago.

Freud, S. (1913). Totem e tabu. In *Obras Completas* (Vol. 11). Companhia das Letras.

Freud, S. (1914). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. XIV, pp. 87–118). Imago, 1996.

Freud, S. (1920-1923). *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos*. Companhia das Letras, 1921.

Freud, S. (1923). *O eu e o id* (M. P. P. de Azevedo, Trad.). Imago, 2006.

Freud, S. (1937). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. XXIII, pp. 211–254). Imago, 1996.

Garfin, D. R., Silver, R. C., & Holman, E. A. (2020). The novel coronavirus (COVID-2019) outbreak: Amplification of public health consequences by media exposure. *Health Psychology*, 39(5), 355–357. <https://doi.org/10.1037/hea0000875>

Giddens, A. (1989). *Sociologia* (10ª ed.). Record, 2006.

Giddens, A. (1991). *Modernidade e identidade*. Zahar, 2002.

Goldenberg, R. (2015). *Psicologia das massas e análise do eu: Solidão e multidão (Para ler Freud)*. Civilização Brasileira.

Gurski, R., & Pereira, M. R. (2016). A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. *Psicologia USP*, 27(3), 429–440. <https://doi.org/10.1590/0103-656420150005>

Gutton, P. (2008). *Adolescência e ideal democrático: acolher os jovens*. Vozes.

Gutton, P. (2013). *Adolescência: uma introdução à psicanálise*. Artmed.

Han, B. C. (2010). *A sociedade do cansaço* (M. R. Barbosa, Trad.). Vozes.

Han, B. C. (2022). *A expulsão do outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje* (L. Machado, Trad.). Vozes.

Han, B. C. (2024). *Agonia do Eros*. Vozes.

Hennigen, I. (2007). A contemporaneidade e as novas perspectivas para a produção de conhecimentos. *Cadernos de Educação, FaE/PPGE/UFPel*, 29, 191–208.

Jucá, V. dos S., & Vorcaro, A. M. R. (2018). Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. *Psicologia USP*, 29(2), 246–252. <https://doi.org/10.1590/0103-656420160157>

Kehl, M. R. (2000). (Org.). *Função fraterna*. Relume Dumará.

Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: A atualidade das depressões*. Boitempo.

Lacadée, P. (2011). Le voile de violence. *La Cause freudienne*, 77, 9–16.

Lacan, J. (1949). O estágio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos* (pp. 93–100). Jorge Zahar, 1998.

Lacan, J. (1954-55). *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (M. P. P. de Azevedo, Trad.). Zahar, 2009.

Lacan, J. (1957-1958). *Seminário 5: As formações do inconsciente* (M. P. P. de Azevedo, Trad.). Zahar, 2009.

Lacan, J. (1959-1960). *Seminário 7: A ética da psicanálise* (M. P. P. de Azevedo, Trad.). Zahar, 2006.

Lacan, J. (1961-1962). *Seminário 9: A identificação* (M. P. P. de Azevedo, Trad.). Zahar, 2008.

Lacan, J. (1964). O estágio do espelho como formador da função do Eu. In *Escritos* (M. P. P. de Azevedo, Trad., pp. 96–103). Zahar, 2003.

Lacan, J. (1972-1973). *Seminário 20: Ouça, já que você está me ouvindo* (M. P. P. de Azevedo, Trad.). Zahar, 2004.

Lacan, J. (1979). *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953–1954)*. Jorge Zahar Ed.

Lacan, J. (1988). *O nome do pai* (M. P. P. de Azevedo, Trad.). Zahar.

Lameira, V. M., Costa, M. C. S., & Rodrigues, S. M. (2017). Fundamentos metodológicos da pesquisa teórica em psicanálise. *Revista Subjetividades*, 17(1), 68–78.

<https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i1.4861>

Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Imago.

Lazarini, G. (2019). Escritos sobre a clínica psicanalítica na adolescência. *Estudos de Psicanálise*, 51, 163–170.

Le Breton, D. (2012). O risco deliberado: sobre o sofrimento dos adolescentes. *Política & Trabalho: Revista De Ciências Sociais*, (37).
<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/14841>

Le Breton, D. (2017). *Uma breve história da adolescência* (A. M. Campos Guerra et al., Trans.). Editora PUC Minas.

Lesourd, S. (2004). *A construção adolescente no laço social*. Vozes.

Levisky, D. L. (2013). *Adolescência - Reflexões Psicanalíticas*. Zagodoni.

Lima, L. de M., & Rocha, T. H. R. (2020). Adolescência e laço social: Uma leitura psicanalítica sobre o uso do Facebook. *Revista Subjetividades*, 20(Esp2).
<https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20iEsp2.e9498>

Luztosa, R., Cardoso, M., & Calazans, R. (2014). "Novos sintomas" e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora*, 17(2), 201–213.
<https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000200003>

Maesso, M. C., Lazzarini, E. R., & Chatelard, D. S. (2019). Psicanálise e universidade: encontros e desencontros na pesquisa, ensino e extensão. In C. Antloga et al., *Psicologia Clínica e Contemporânea*, 4, 91–112. Technopolitik.

Malcher, F., & Freire, A. B. (2016). Laço social, temporalidade e discurso: do *Totem e tabu* ao discurso capitalista. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 19(1), 69–84.

<https://doi.org/10.1590/S1516-14982016000100005>

Martins, C. D., Quadra, M. R., Meller, F. de O., Tomasi, C. D., & Miranda, V. I. A. (2024). Saúde mental e alteração de peso durante a pandemia da Covid-19 no Sul do Brasil. *Revista Psicologia e Saúde*, 16, e16132411.

<https://doi.org/10.20435/pssa.v15i1.2411>

Matheus, T. C. (2020). *Adolescência: história e política do conceito na psicanálise* (3rd ed.). Artesã.

Mannoni, O. (1986). *La crisis de la adolescência*. Gedisa.

Michelon, C. M., & Santos, N. V. dos. (2022). Questionário online como estratégia de coleta de dados para trabalho de conclusão de curso: relato de experiência. *Revista De Casos E Consultoria*, 13(1), e30388.

<https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/30388>

Melo, J. P. (2018). O corpo como rascunho: reflexões sobre o corpo e a aparência na adolescência. *Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde*, 16(2), 147–159.

Medeiros, A. A., & Calazans, R. (2018). Aproximações entre luto e adolescência. *SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 19(1), 129–141.

Monzani, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento* (3rd ed.). Editora da Unicamp.

Monteiro, R. L. S. G., & Santos, D. S. (2019). A utilização da ferramenta Google Forms como instrumento de avaliação do ensino na Escola Superior de Guerra. *Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação (on line)*, 4(2).

Nascimento, E. M. V., & Gonzales, R. C. F. (2015). *De que se queixa o adolescente hoje: clínica psicanalítica e contemporaneidade*. Edufba.

Oliveira, H. M. de, & Hanke, B. C. (2017). Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 20(2), 295–310. <https://doi.org/10.1590/1809-4414201700200>

Paiva, V. L. M. de O. e. (2008). A pesquisa narrativa: uma introdução. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 8(2), 261–266. <https://doi.org/10.1590/S1984-63982008000200001>

Poian, C. (2002). *Os novos caminhos da identificação*. Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

Rassial, J. J. (1999). A adolescência como conceito na teoria psicanalítica. In APPOA. *Adolescência entre o passado e o futuro* (2ª ed.). Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Rassial, J. J. (2000). *O sujeito em estado-limite*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.

Safatle, V. (2017). *O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Autêntica.

Santos, M. S., Fouraux, C. G. S., & Oliveira, V. M. (2019). Narrativa como método de pesquisa. *Revista Valore*, 5(Edição Especial), 37–51.

Scarano, R. C. V., & Pertile, G. H. (2021). A questão da identificação em *O estágio do espelho* e sua relação com a alteridade em Jacques Lacan. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 10(19), 1–21.

Soares, S. S. D., & Stengel, M. (2019). Entre as amigadas perfeitas e virtuais, o sujeito adolescente. *Tempo Psicanalítico*, 51(2), 195–223.

Stenner, A. da S. (2004). A identificação e a constituição do sujeito. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(2), 54–59. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000200007>

Tavares, A., & Alberti, S. (2018). Adolescência e psicanálise: sobre a importância de acolher o recém-chegado. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 14(2). <https://doi.org/10.9789/1679-9887.2016.v14i2.%p>

Tubert, S. (1999). *A morte e o imaginário na adolescência*. Trad. P. Vidal. Companhia de Freud.

Vilas Boas, L. M., & Amparo, D. M. (2020). O ato de se cortar na adolescência e sua função suplementar. In D. M. Amparo, R. A. de O. Moraes, K. T. Brasil, & E. R. Lazzarini (Eds.), *Adolescência: psicoterapias e mediações terapêuticas na clínica dos extremos* (pp. 253–275). Technopolitik.

Zimmermann, V. B. (2007). *Adolescentes estados-limite: a instituição como aprendiz de historiador*. São Paulo: Escuta.

Žižek, S. (2010). *O sublime objeto da ideologia* (R. P. Lins, Trad.). Zahar, 1989.

ANEXOS

1. Formulário Convite e TALE

Pesquisa: "Adolescência e Contemporaneidade"

Olá, sou participante do projeto "Violências e Psicopatologias na Contemporaneidade: Diagnóstico e Intervenção (VIPAS)" e mestranda da Universidade de Brasília (UNB) em Psicologia Clínica e Cultura e gostaria de convidar você, **adolescente de 14 à 18 anos a participar de forma anônima em um questionário online**. As perguntas são abertas e você levará cerca de 10 minutos para respondê-las. O questionário tem por objetivo investigar vivências adolescentes em relação a contemporaneidade. **Sua participação é de extrema importância, pois não há ninguém melhor para falar sobre essa temática do que um adolescente, e com isso, irá contribuir na construção de saberes e produções científicas sobre a adolescência.**

** Indica uma pergunta obrigatória*

1. Se possuir interesse nesse convite, você precisará ler e caso concorde, consinta * o termo de assentimento livre e esclarecido a seguir.

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Abrir o termo de assentimento livre e esclarecido. *Pular para a pergunta 2*
- ☐ Não tenho interesse em participar.

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Jovem)**Bem vindo!**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa "Adolescência, identificação e implicações da contemporaneidade" atrelado ao projeto de pesquisa e extensão "Violências e Psicopatologias na Contemporaneidade: Diagnóstico e Intervenção (VIPAS)" da Universidade de Brasília, sob responsabilidade de Deise Matos do Amparo pós-doutora e professora da Universidade de Brasília e ao mestrado de Ana Luiza Pereira Chianelli. **O objetivo desta pesquisa é investigar as especificidades da adolescência relacionadas aos processos de identificação no contexto contemporâneo, por meio da articulação entre revisão bibliográfica sobre a temática e as falas de adolescentes.**

Essas falas serão coletas nas respostas a um questionário online, **o link do questionário será enviado para o e-mail de um responsável junto ao termo de consentimento do mesmo, visto que você é menor de idade e se trata de uma pesquisa científica.** As perguntas são abertas e visam coletar dados relacionados à características da adolescência contemporânea, formas de se auto perceber e de se relacionar com o outro, além de indagar sobre ideais, potencialidades e impasses que circulam na vivência adolescente. As respostas do questionário serão armazenadas em uma plataforma, para exploração e análise do material. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa ficarão sob a guarda apenas do/da pesquisador/a responsável pela pesquisa. Esses dados podem ser utilizados para fins de pesquisa, estudo e publicação científica, salvaguardando sempre o direito à privacidade e ao anonimato. **Deste modo, garantimos que sua identidade não será exposta, pois as informações serão analisadas sempre de forma global mantendo o mais rigoroso sigilo.**

Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco. Caso haja necessidade, encaminhamentos para serviços de atendimento psicológico serão realizados. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. **A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.**

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode entrar em contato através do telefone 61 999680586 - Deise Matos do Amparo - e-mail deise.amparo.matos@gmail.com ou 61 982114238 Ana Luiza Pereira Chianelli/ e-mail chianelli.alp@gmail.com

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

06/01/2025, 13:24

Pesquisa: "Adolescência e Contemporaneidade"

2. Você concorda em participar desta pesquisa? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim. *Pular para a pergunta 3*
- ☐ Não.

Ficamos muito gratos pelo seu interesse e disponibilidade! Agora só falta mais um passo para você ter acesso ao questionário, que é **disponibilizar o e-mail de um responsável** para que este também receba um termo de consentimento para a sua participação, **o link do questionário estará no email que você disponibilizar abaixo (não esqueça de conferir lá)**. Imagino que esse passo possa causar preguiça, mas uma pesquisa séria e científica exige esse tipo de formalidade e cuidado ético. Contamos com você!

3. E-mail de um responsável: *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

2. Questionário Online

06/01/2025, 13:26

Pesquisa: "Adolescência e Contemporaneidade"

Pesquisa: "Adolescência e Contemporaneidade"

Obrigada por ter chegado até aqui! Vamos lá?

* Indica uma pergunta obrigatória

Primeira parte - Dados

Primeiramente iremos colher dados sócio demográficos sobre você, estes dados são importantes para a parte estatística da pesquisa. Em seguida, você terá acesso ao questionário aberto.

1. Qual a sua idade? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ 14
- ☐ 15
- ☐ 16
- ☐ 17
- ☐ 18

2. Você estuda em qual rede de ensino? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Rede pública
- ☐ Rede particular

06/01/2025, 13:26

Pesquisa: "Adolescência e Contemporaneidade"

3. Você reside em qual estado brasileiro? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ DF
- ☐ GO
- ☐ SP
- ☐ RJ
- ☐ MG
- ☐ TO
- ☐ ES
- ☐ BA
- ☐ PE
- ☐ AL
- ☐ CE
- ☐ RN
- ☐ SE
- ☐ PB
- ☐ PA
- ☐ AM
- ☐ AC
- ☐ RO
- ☐ AP
- ☐ RR
- ☐ PR
- ☐ RS
- ☐ SC
- ☐ MT
- ☐ MS

06/01/2025, 13:26

Pesquisa: "Adolescência e Contemporaneidade"

4. Qual tipo de gênero você se identifica? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Não-binário
- ☐ Transgênero
- ☐ Outro

Segunda parte - Questionário

A partir de agora a pesquisa de fato começará, são 18 perguntas relacionadas as suas vivências enquanto adolescente, cabe ressaltar que aqui **não existe resposta certa ou errada, apenas tente ser o mais sincero e explicativo possível, ok? Muito obrigada!**

5. O que foi te fazendo perceber que não era mais criança e estava se tornando *
adolescente?

6. Como você lidou com as mudanças ocorridas no seu corpo e/ou sua imagem? *

06/01/2025, 13:26

Pesquisa: "Adolescência e Contemporaneidade"

7. Ao se tornar adolescente, o modo como você lida com suas emoções mudou? *
- De qual maneira?

8. Como você se vê em relação ao seus pais? *

9. Cite **uma personalidade** que você **admira** e o motivo da admiração (pode ser uma pessoa próxima ou uma figura pública). *

10. Quem você diria que mais te conhece? *

06/01/2025, 13:26

Pesquisa: "Adolescência e Contemporaneidade"

11. Qual é a primeira coisa que você repara numa pessoa? *

12. O que significa sucesso para você? *

13. O que você mais valoriza em uma amizade? *

14. Cite 2 assuntos que você mais gosta de conversar com seus amigos. *

06/01/2025, 13:26

Pesquisa: "Adolescência e Contemporaneidade"

15. Em quais momentos você se compara com outras pessoas? *

16. Se você pudesse mudar alguma coisa em você o que seria? *

17. Qual importância a escola tem/teve na sua vida? *

18. Dentre tantas, qual **rede social digital** você **mais utiliza**? Por que? *

06/01/2025, 13:26

Pesquisa: "Adolescência e Contemporaneidade"

19. Na sua opinião, quais os desafios a sociedade atual impõe aos adolescentes? *

20. Você considera importante ter uma religião? Por que? *

21. Sua vida foi atravessada pela pandemia da **COVID-19**, como você enxerga o **impacto** desse período na sua vida **hoje em dia**? *

22. Como você se imagina no futuro? *

06/01/2025, 13:26

Pesquisa: "Adolescência e Contemporaneidade"

Muito obrigada pela sua participação, será de grande contribuição para a construção de conhecimentos e produções científicas!

Caso tenha qualquer questão ou dúvida entre em contato através do e-mail:
chianelli.alp@gmail.com

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários